

BRASIL ENTRA EM CAMPANHA PELAS DIRETAS

A campanha já está dentro das fábricas

Na porta da Goodyear e da metalúrgica MWM, na Zona Sul de São Paulo, os operários acreditam que se a eleição direta não vier pode haver até revolução. Pág.8



A luta por eleição direta para presidente da República entrou, finalmente, em ritmo de campanha. Em todos os Estados gigantescos comícios pelas diretas estão marcados. Em todos os lugares forma-se com rapidez uma vastíssima frente de mobilização que vai desde os governos estaduais opositores até as grandes massas do povo trabalhador que é a força decisiva nesta batalha. Na página 3, as características desta nova fase da luta pró-diretas e o calendário dos comícios já convocados.

EDITORIAL

Diretas urgente

Mobilizar a consciência nacional pelas eleições diretas para a Presidência da República tornou-se, nesse momento, a questão chave para dismantlar as tramas continuistas do regime militar.

Depois de 20 anos de sufoco, esmagados pelo fascismo e pela traição nacional, existe entre os brasileiros um anseio irrefreável de escolher livremente seus governantes. Duas décadas de ditadores impostos pelo Alto Comando das Forças Armadas conduziram o país a uma situação catastrófica e humilhante. Os trabalhadores vivem famintos enquanto riquezas fabulosas são carregadas para os cofres dos banqueiros internacionais. Nossa gente oprimida observa funcionários do FMI ditarem ordens e controlarem informações às quais nem o Congresso Nacional tem acesso. O povo quer varrer do Planalto esta máfia entreguista e arbitrária e escolher pelo voto novos dirigentes.

Para que este desejo se transforme em realidade, é preciso que se materialize num movimento de grandes massas. A campanha que se anuncia em todo o país poderá unificar todos os protestos, até então confinados em quatro paredes e isolados em alguns bairros ou cidades, numa poderosa torrente, capaz de varrer as resistências dos donos do poder.

Não é por acaso que, logo depois de se declarar demagogicamente a favor de eleições diretas "a princípio", o general Figueiredo apressou-se em qualificar de perturbadora a campanha pelas diretas. Ele sabe que o povo nas ruas é de fato o único fator conseqüente que pode dismantlar a farsa de perpetuação dos militares no poder através de colégios eleitorais espúrios, de mandatos-tampão, e outros casuísmos. Pode inclusive ir mais longe, apressando a crise do poder e o fim do regime.

A campanha de massas pelas

diretas atende não apenas ao interesse imediato de conquistar o direito legítimo do voto. Liga-se também ao objetivo mais geral de forjar um movimento popular de envergadura em união com os mais vastos contingentes democráticos e patrióticos por um novo regime, em que o povo realize as suas aspirações mais profundas.

Para que tal empreendimento tenha êxito, é imprescindível afastar de seu interior qualquer concepção exclusivista e estreita. As diferenças políticas menores devem ceder lugar à unidade em torno do interesse maior tanto da classe operária como de todas as camadas que almejam a liberdade, o progresso e a independência nacional. Quanto maiores as forças envolvidas nesta batalha, maiores as condições para a vitória. Ao mesmo tempo, nos combates comuns é que o proletariado encontrará também o terreno mais fértil para desenvolver a luta de idéias pela democracia popular e pelo socialismo.

Para ganhar impulso, uma campanha deste tipo deve multiplicar as iniciativas do povo, estimular a sua criatividade. Concomitantemente urge voltar todos os esforços para a realização das grandes manifestações de massas. Os debates, os comícios-relâmpago, as discussões em porta de fábricas, tudo tem que estar relacionado com os grandes comícios que já se iniciam nesse mês e que devem se desdobrar posteriormente em outras manifestações igualmente massivas.

Também as lutas mais imediatas e reivindicatórias — como as campanhas salariais, as eleições sindicais, os movimentos de bairro etc. — precisam se articular com esta questão mais geral que é, no momento, o mote unificador das forças populares e democráticas em plano nacional. Diretas urgente é o grito que deve ecoar de norte a sul do país.

Figueiredo desiste de bancar o coordenador

O melancólico fim da farsa da coordenação sucessória . Pág. 3

Metalúrgicos do Rio votaram em massa na chapa 1

A nítida vitória da "Unidade e Luta" no primeiro escrutínio, a perspectiva da nova votação e os planos para o Sindicato. Página 5

Verbas das estatais reduzidas em um terço

A medida, ordem do FMI, acarretará novas demissões em massa. Página 4

Goiás elege Aldo Arantes como político do ano em 83

O líder do Bloco Popular do PMDB foi escolhido pelo clube dos Jornalistas Políticos "graças à sua coerência". Página 6

O dedo dos EUA atrás do golpe nigeriano

Quartelada militar foi feita para impor linha do FMI. Pág. 2

A música redescoberta de Jesse

Com apoio de Elifas Andreato, ele passa a cantar aquilo que realmente gosta. Entrevista, pag. 7



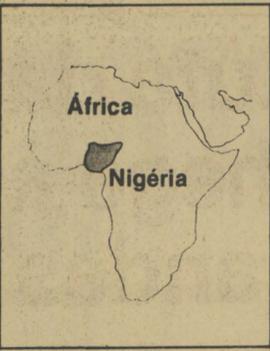
Mazzarollo: à espera da liberdade.

Mazzarollo é o último dos prisioneiros políticos no Brasil

O drama do jornalista do semanário "Osso Tempo" preso em Cuba, que acabou denunciando os desmandos dos militares brasileiros, a nova LSN ainda não chegou. Página 4

CDM

Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois



Shagari, deposto a mando do FMI que forçou a expulsão de emigrantes em 1983.

FMI patrocina golpe militar na Nigéria

Enquanto em todo o mundo as atenções se voltavam para os festejos de Ano-Novo, as forças armadas da Nigéria aproveitaram o último dia de 1983 para desfechar um golpe de estado contra o presidente eleito Shehu Shagari. A imediata saudação do golpe militar pelos grandes banqueiros de Londres não deixa dúvidas de que, por trás do líder golpista, major-general Mohammed Buhari, está a mão do FMI e do capital financeiro internacional.

Não que o presidente deposto fosse flor que se cheire. Pelo contrário: eleito inicialmente em 1979 e reeleito em setembro do ano passado, Shagari desenvolveu uma política de portas abertas para os investimentos imperialistas. A dívida externa do país chegou a 15 bilhões de dólares. Com a queda do preço do petróleo, principal riqueza do país, responsável por 95% da renda nacional, a Nigéria ficou em apuros. As rendas externas caíram de 25 bilhões de dólares por ano para 11 bilhões, em 1983. A impossibilidade de cumprir suas obrigações com os banqueiros levou o governo de Lagos a negociar um acordo com o FMI.

Foi para se adaptar às exigências do FMI que Shagari expulsou como gado 2 milhões e 500 mil trabalhadores de países africanos vizinhos no início do ano passado. Mais recentemente, o governo nigeriano cortou drasticamente e aboliu os subsídios para os alimentos, por imposição do FMI (exatamente as mesmas medidas que são impostas aqui, no Brasil). Mas o mero fato de ser um governo eleito, que de alguma forma tem de apresentar contas a seu povo, não permitia a que Shagari aplicasse na íntegra o programa de medidas antipovo do

FMI. Em particular ele resistiu à exigência de desvalorizar a moeda nacional, a Naíra.

SEM "CONSTRANGIMENTOS"

É neste contexto que se desferiu o golpe. Dois dias antes, Shagari havia anunciado um primeiro pacote de austeridade econômica, além de marcar para o dia 16 a viagem de uma missão nigeriana a Washington para negociar com o FMI. Os credores britânicos, depois do golpe, prontamente afirmaram que as negociações com o Fundo serão aceleradas, já que o novo governo não terá o "constrangimento" do anterior em adotar as medidas do FMI. No âmbito da OPEP, teme-se que os novos governantes da Nigéria, para satisfazer seus mentores ocidentais, rompam os acordos estabelecidos entre os países produtores e reduzam unilateralmente o preço do seu petróleo, provocando uma queda maior no preço mundial.

O golpe nigeriano mostra que a política de miséria e entreguismo do FMI é inteiramente incompatível com a vigência de direitos democráticos. Os banqueiros internacionais não hesitam em recorrer a golpes militares para fazer valer seus interesses. (Luis Fernandes)

Povo protesta contra aumento do pão na Tunísia

O governo da Tunísia decretou Estado de Exceção e toque de recolher, no último dia 3, para reprimir com ainda mais ferocidade as manifestações populares contra o aumento de mais de 100% no preço do pão e dos produtos à base de cereais no país. Calcula-se que mais de 20 pessoas foram assassinadas e em torno de 60 ficaram feridas nos ataques das forças militares às manifestações de protestos realizadas pela população.

A Tunísia é um dos muitos países que, estrangulados pela dívida externa impagável, recorreram ao FMI. Com isso, a situação de miséria do povo só aumentou, enquanto as riquezas concentraram-se ainda mais nas mãos de um punha-

do de magnatas. Localizada no Norte da África, a Tunísia tem 6,5 milhões de habitantes, mais da metade dos quais vive nas cidades. O país é dirigido pelo ditador Habid Burguiba, que se declarou presidente vitalício do país em 1975. Ele está no poder desde 1957. Agora, o primeiro-ministro Mohamed Mzali decretou o toque de recolher, a partir das 18 horas, e o Exército ocupou os principais pontos do país. A revolta popular contra os aumentos extorsivos do preço do pão (recomendados pelo FMI) teve início na última semana de dezembro. E, após o Estado de Exceção, decretado na terça-feira, estão proibidas as reuniões de mais de três pessoas nas ruas das cidades.



Palestinos devem estar unidos na luta por seus direitos.

Albânia conclama o povo palestino à unidade

"O reforço da unidade na luta comum contra os sionistas israelenses e os intentos escravizantes das superpotências e das outras forças reacionárias é uma necessidade para o povo palestino e os demais povos árabes". A afirmação é do representante da Albânia socialista na ONU, Justin Papa-jorgji, durante os debates da Assembleia Geral das Nações Unidas sobre o problema da Palestina.

O delegado albanês salientou que "os Estados Unidos são os principais autores de toda a atividade criminosa contra o povo mártir da Palestina", continuando: "Por isso, todos compreendem a responsabilidade dos EUA, pelo apoio que dão aos sionistas israelenses em todos os sentidos, na tragédia vivida pelo povo palestino. Entretanto —

prosseguiram paralelamente aos imperialistas americanos, também os social-imperialistas soviéticos apoiam os sionistas. Formalmente, vangloriam-se de sustentar o povo palestino e os demais povos árabes, mas na prática não hesitam em apunhalá-los pelas costas".

Após repudiar "os reforços das duas superpotências para provocar querelas e hostilidades fratricidas na região", o representante albanês sublinhou a solidariedade de seu país à causa palestina e também a importância da unidade: "O povo albanês — disse — que sempre apoiou e apoia com decisão a justa luta do povo palestino, confia que — cerando suas fileiras e reforçando a unidade com os povos árabes irmãos — ele triunfará sobre seus inimigos". (Agência Telegráfica Albanesa)

PC da Alemanha realiza o seu 5º Congresso

Foi realizado, nos meses de novembro e dezembro, o V Congresso do Partido Comunista da Alemanha (marxista-leninista), KPD. Segundo mensagem aos partidos comunistas do mundo, o Congresso do PC da Alemanha "debruçou-se aprofundadamente sobre a questão de como deve o nosso Partido trabalhar politicamente e desenvolver-se para poder ganhar uma parte relevante do movimento operário e outras camadas da população para a luta por uma saída socialista para a crise econômica em agravamento, perante o crescente perigo de fascismo e de guerra."

Em sua mensagem ao movimento comunista internacional o KPD acentua: "A caminhada dos imperialistas para a catástrofe não



Militantes do PC da Alemanha

pode ser detida com apelos e concessões, como defendem os partidos social-democratas e revisionistas. Isto só pode se realizar através da luta sem compromissos pelos interesses dos operários e dos povos oprimidos do mundo".

Êxitos da guerrilha em El Salvador

As forças guerrilheiras de El Salvador obtêm novos êxitos em sua luta contra o regime sanguinário sustentado pelos EUA. Na sexta-feira, 30 de dezembro, a FMLN capturou e incendiou um quartel do Exército, construído pelos norte-americanos, e atacou outras 25 instalações militares no departamento de Chalatenango. Mais de 100 soldados dos fascistas foram mortos na operação de tomada do quartel.

No domingo, as forças populares destruíram a maior ponte rodoviária do país, sobre o rio Lempa.

Imediatamente o governo americano classificou os acontecimentos como muito graves e o Departamento de Estado já manifestou a necessidade de "novas ajudas militares a níveis elevados". Em 1984 esta ajuda pode atingir 150 milhões de dólares.

EUA atacam pesqueiro em águas nicaraguenses

Prosegue a guerra não declarada dos Estados Unidos contra a Nicarágua. No último domingo o governo nicaraguense denunciou que duas lanchas rápidas americanas foram detetadas por um barco pesqueiro quando dirigiam-se a um ataque contra as instalações do porto Sandino. Ao serem localizadas, as embarcações de guerra atiraram contra o barco pesqueiro nicaraguense, assassinando seu capitão.

Pressão das armas nucleares na Europa

Depois de conseguir instalar

os mísseis *Cruise* e *Pershing* na Europa, os EUA anunciaram um encontro entre o secretário de Estado George Schultz e o chanceler soviético Gromiko, visando a reatar as negociações interrompidas sobre armamento. É mais um sintoma de que o objetivo central da instalação dos mísseis não é ainda o confronto com a URSS mas sim o domínio dos países europeus, colocados sob a pressão das armas nucleares.

Vitória militar da Frente Polisário

A Frente Polisário, em sua luta pela independência do Saara Ocidental, anunciou que na última sexta-feira as forças guerrilheiras aniquilaram 154 soldados marroquinos e destruíram 40 carros de combate, numa batalha de aproximadamente cinco horas.

O governo do Marrocos insiste em manter o Saara sob seu controle e não aceita inclusive realizar um plebiscito, como foi proposto pela Organização da Unidade Africana (OUA), para ouvir a população.

África do Sul invade território angolano

O regime fascista e racista da África do Sul realizou, no último dia 29, uma incursão aérea sobre o território de Angola. O pretexto foi atacar bases da Swapo, movimento patriótico que luta pela independência da Namíbia. A dominação sul-africana sobre a Namíbia é condenada em todo o mundo. Mesmo assim, o governo de Pretória recusa-se inclusive a acatar resoluções da ONU para assegurar a autodeterminação da Namíbia.

Argentina exige punição dos ditadores

A Argentina passa hoje por um jogo de pressões e contra-pressões entre os militares e as forças democráticas do país. Desde a posse do presidente Raul Alfonsín o anseio por desbaratar com tudo o que sobrou do regime militar fascista leva a um enfrentamento cotidiano entre as forças progressistas e as reacionárias no país vizinho.

Alfonsín venceu as eleições do ano passado com 52% dos votos. O novo presidente recebeu um país com quase 2 milhões de pessoas subempregadas, com uma dívida externa de mais de 51 bilhões de dólares e com os salários diminuídos em 44% em relação a 1976. E ainda o dramático problema do paradeiro de 30 mil presos políticos desaparecidos nos porões da ditadura.

Na questão de apurar os crimes cometidos pelos militares, patenteia-se o jogo de pressões no país. Alfonsín mandou ao Congresso um conjunto de projetos onde anulava a lei de anistia, decretada pelo regime militar para beneficiar aos próprios militares criminosos. Em seguida, nomeou uma Comissão Especial para apurar o destino dos milhares de desaparecidos, entre eles centenas de crianças. Generais como Jorge Videla, Eduardo Viola, Leopoldo Galtieri e Reynaldo Bignone foram indiciados em inquéritos sobre o desaparecimento de opositores à ditadura.

Mas os generais trataram também de pressionar o governo. Dois aviões

da Força Aérea Argentina saíram clandestinamente do país, levando militares assassinos e documentos sobre a repressão política. Os aviões fizeram escala no Brasil. Os militares impuseram ainda a nomeação, para chefe de operações do Estado-Maior do Exército, do general Federico Minucucci, processado pelo desaparecimento de presos políticos.

Os fascistas conseguiram ainda o julgamento dos militares seja feito por seus próprios colegas de farda, através do Tribunal Militar. Isso levou a que Perez Esquivel, prêmio Nobel da Paz na Argentina, se recusasse a participar da Comissão que investiga o caso dos desaparecidos. E as Mães da Praça de Maio denunciaram que "os desmandos cometidos pelas Forças Armadas tiram do Tribunal Militar as condições mínimas de imparcialidade e neutralidade" para julgar os torturadores e assassinos dos opositores políticos.

Os corpos de mais de 200 presos políticos já foram encontrados em diversos cemitérios clandestinos. E, por seu lado, a Aliança Anticomunista Argentina e o Comando de Luta Antiterrorista Nacional ameaçaram matar os juízes que processam os militares e já realizaram atentados terroristas. Só a pressão das forças democráticas e progressistas pode assegurar a punição dos criminosos a serviço da ditadura militar, para que tais crimes não voltem a acontecer.



Galtieri, Videla e Viola vão a julgamento por matarem opositores.



Corpos de desaparecidos são retirados dos cemitérios clandestinos

Porque apoio a Tribuna Operária

Apóio a Tribuna Operária porque é um jornal que luta incessantemente pelos direitos dos trabalhadores, pela liberdade, pela democracia e pelo socialismo.

É importante instrumento de denúncia do sistema de exploração e miséria a que o governo dos generais submete os trabalhadores e o povo em geral.

Essa Tribuna é nossa. Vamos fortalecê-la e sustentá-la.



Maria Elizete de Souza - Diretora do Sindicato dos Têxteis da Bahia.

Caro leitor,

Apesar da elevação do preço da Tribuna Operária em meados de novembro, mantivemos até hoje o preço antigo das assinaturas. Agora, somos obrigados a reajustar também os preços das assinaturas.

Desejo receber em casa a Tribuna Operária. Envio cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., no valor abaixo assinalado. Rua Adoniran Barbosa, 53 - Bela Vista - São Paulo, SP - CEP 01318.

() Anual de apoio (52 edições) Cr\$ 15.000,00
() Anual Comum (52 edições) Cr\$ 7.500,00
() Semestral de apoio (26 edições) Cr\$ 7.500,00
() Semestral comum (26 edições) Cr\$ 3.750,00

Nome:
Endereço:
Cidade: Estado: CEP:
Profissão: Data:

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois



Figueiredo, isolado até nas fileiras do PDS, reconheceu o fracasso da coordenação.

Figueiredo visa a nova tática continuísta

Depois de seis meses sem coordenar coisa alguma, o general Figueiredo desistiu formalmente da função de coordenador da sucessão presidencial. Demagógico, devolveu o cargo para o PDS. E aproveitou para atacar a campanha por eleições diretas como "perturbadora". Não é uma desistência. É sim uma manobra para rearticular o plano continuísta do Planalto.

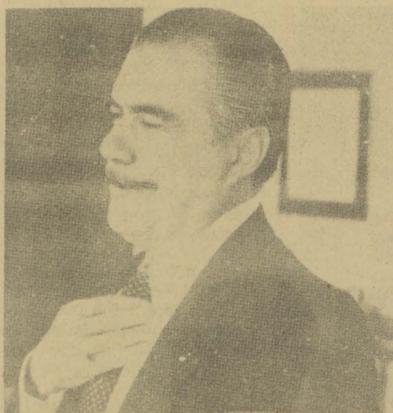
Desde o golpe de 64, a sucessão sempre foi decidida pelo Alto Comando das Forças Armadas. Ao Congresso Nacional, amordaçado por casuísmos e pela força bruta, só cabia referendar o candidato apontado.

Agora, para dar credibilidade à "abertura" e devido à derrota eleitoral do governo em 1982, estava sendo encenada uma indicação democrática: o PDS nomeou Figueiredo coordenador da sucessão. Os generais imaginavam, assim, garantir o presidente preferido pela cúpula militar. Achiavam que, quando o coordenador apontasse um nome, todos diriam "amém".

O SONHO ACABOU

Mas a crise econômica e política abortou este sonho. A devolução do cargo ao PDS é o reconhecimento da derrota desta farsa. O próprio Figueiredo declarou que seu gesto foi fruto das "discordâncias" encontradas.

A Nação não suporta mais a tutela dos generais. E mesmo dentro do PDS as disputas são de tal envergadura, que a rebeldia vai rompendo com o sistema de obediência incondicional até agora imperante. Todos os *presidênciais* juraram submissão a Figueiredo, mas na prática cada um tratou de sua candidatura sem nenhuma atenção ao tal coordenador de opereta.



Sarney quer colar os cacôs do PDS

Engana-se, entretanto, quem pensa que os generais desistiram de interferir na sucessão: foram batidos numa tentativa, porém elaboraram outra estratégia para o continuísmo. Por isto Figueiredo já adiantou que considera a campanha por eleições diretas um fator de perturbação. Em outros tempos ele diria "ameaça à segurança nacional".

PAU-MANDADO

De mais a mais, o PDS não tem condições de coordenar sucessão alguma. É até cômico o presidente do Partido, José Sarney, ao convocar o Diretório Nacional para uma reunião na semana que vem, deixar claro que pretende unir suas fileiras contra as eleições diretas e firmar o compromisso de que os *presidênciais*

acatarão a escolha feita pela Convenção Nacional. Mesmo o primeiro objetivo é complicado, porque os que não têm chances neste jogo de cartas marcadas, podem optar pelas diretas como última tentativa. Quanto à unidade em torno da Conveção, ela é praticamente impossível. Basta ver que Maluf jamais desistirá de sua ambição presidencial, e por outro lado é evidente que nem mesmo os ocupantes do Planalto se mostram propensos a aceitar uma vitória deste aventureiro.

O PDS já nasceu como paumandado do regime. É um aglomerado de caciques que vivem dos favores do poder. Foi forjado como instrumento homologatório das decisões tomadas pela cúpula militar e para dar apoio político ao regime nos planos legal e parlamentar. Não tem vida própria — longe da ditadura é como peixe fora d'água. Neste sentido, tem razão o sabido governador Tancredo Neves quando disse que, com a desistência de Figueiredo, "o quadro sucessório perde a sua espinha dorsal".

Com o tempo a luta sucessória agravará a crise política. Isto, junto com a luta democrática e com o movimento patriótico contra a ingerência imperialista no país, pode conduzir, de uma hora para outra, a uma grave crise de poder que leve o governo ao chão.

O grande argumento hoje, para liquidar todos os planos continuístas, e para impedir acordos de bastidores entre oposicionistas mais conciliadores e governo, é o povo nas ruas exigindo o direito de votar no presidente da República. E mais do que isto, o direito de escolher candidatos representativos e comprometidos com as causas populares e nacionais. (Rogério Lustosa)

Aldo Arantes escolhido o político do ano, em Goiás

O deputado federal Aldo Arantes, do Bloco Popular do PMDB, foi escolhido como o político do ano de 1983, pelo Clube dos Repórteres Políticos de Goiás. Segundo o presidente do Clube, Antônio Ribeiro dos Santos, os critérios usados na escolha foram o relacionamento com a imprensa, a atuação parlamentar e a coerência com os princípios democráticos.

Aldo Arantes obteve 12 votos dos 35 jornalistas que procederam à escolha. O deputado João Divino Dorneles, segundo colocado, teve seis votos e o senador Henrique Santillo, quatro. A cerimônia de entrega do título será este mês, para a qual o Clube pretende convidar o presidente nacional do PMDB, deputado Ulysses Guimarães.

A concessão do título de político do ano aumenta de importância a medida em que 1983 foi o primeiro ano de mandato parlamentar de Arantes, o qual quatro anos antes ainda se achava nos cárceres da ditadura militar.

VITÓRIA DA COERÊNCIA

Natural da cidade goiana de Anápolis, Aldo Arantes projetou-se como figura política de expressão nacional ao exercer a Presidência da União Nacional dos Estudantes, no início dos anos 60, numa gestão considerada até hoje



Aldo: um político que faz o que diz.

uma das mais combativas da história da UNE. Cassado e intensamente perseguido a partir do golpe de 1964, Aldo passou à clandestinidade, participando da resistência à ditadura militar-fascista, no campo e nas cidades.

Em dezembro de 1976 ele foi preso, no incidente conhecido como "A Chacina da Lapa". Acusado de pertencer aos quadros do Partido Comunista do Brasil, torturado, permaneceu no cárcere até a Anistia de 1979.

Voltou então a Goiás, onde se empenhou na articulação do Bloco Popular — que expressa dentro do PMDB goiano os anseios e os interesses do povo trabalhador, e que lançou pela primeira vez a palavra de ordem "Terra, Traba-

lho, Liberdade e Independência Nacional".

Foi com estas bandeiras que Aldo Arantes lançou-se candidato a deputado federal nas eleições de 1982, obtendo mais de 35 mil votos. Na Câmara, pronunciou 17 discursos e apresentou dois projetos de emenda constitucional. Participou também da Comissão Parlamentar de Inquérito que investigou a dívida externa — e que começou a lançar luz sobre a escandalosa "caixinha dos 10% de Delfim Netto em Paris".

Arantes não foi, contudo, um parlamentar à moda tradicional dos políticos burgueses. Ao lado da atuação na tribuna da Câmara, desenvolveu uma incansável atividade junto ao povo pobre e sofrido de Goiás.

Por estes motivos, o ponto mais ressaltado pelos jornalistas que o escolheram como político do ano foi a coerência, tão rara nos meios parlamentares, de fazer o que diz e cumprir o que promete.

Em resposta ao título, Aldo Arantes enviou um telegrama ao Clube dos Jornalistas Políticos, enfatizando que "a decisão aumenta minha responsabilidade de fazer política voltada aos interesses do povo, da democracia e da independência nacional". E agradeceu: "Darei continuidade à luta através da mobilização popular pela conquista das eleições diretas para presidente da República".

Luta das diretas chega à fase dos grandes comícios

Os primeiros dias de 1984 marcaram uma virada na luta por eleições diretas para presidente da República. Após meses de iniciativas preparatórias e ensaios, ela assume finalmente o caráter de uma vasta campanha nacional de massas. Enormes comícios pelas diretas estão marcados para janeiro e fevereiro em todo o país (veja o quadro abaixo).



Vários fatores engrossaram as expectativas de participação popular nesses comícios, que podem superar os da campanha eleitoral de 1982.

Na sociedade como um todo prosseguiu o deslocamento no sentido de apoiar sempre mais a tese das diretas. As últimas pesquisas de opinião pública indicam uma taxa de nada menos do que 94% dos entrevistados favoráveis a ela. Poucas vezes se viu tamanha unanimidade.

No campo da oposição sentiu-se certa mudança na atitude dos governadores oposicionistas, inclusive os egressos do extinto PP. A partir dos últimos dias de 1983, também eles passaram a apostar na mobilização do povo pelas diretas. O governador Gilberto Mestrinho, por exemplo, comprometeu-se a dar apoio material e a participar pessoalmente do seminário que lançará a campanha pelas diretas no Amazonas.

Por fim, na área governista, a renúncia de Figueiredo à "coordenação sucessória" (veja o artigo ao lado) reforçou a convicção de que não há solução para o impasse sucessório dentro do colégio eleitoral espúrio.

30 MIL PARA COMEÇO

Assim, na primeira das manifestações estaduais, marcada para quinta-feira, dia 12, no Paraná, espera-se a participação de mais de 30 mil pessoas vindas de todo o Estado. Estarão presentes o presidente nacional do PMDB, Ulysses Guimarães, e os governadores Franco Montoro e Tancredo Neves, além de José Richa. Será lançado ali o frevo "Queremos votar para presidente", de Moraes Moreira e Paulo Leminsky.

Em São Paulo, o Comitê Pró-Diretas, já constituído, promete: "Vamos encher a Praça da Sé", no panfleto convocatório do qual deverão ser distribuídos cerca de 5 milhões de exemplares. Sediado na Assembléia Legislativa, o Comitê já inclui PMDB, PT, PDT, PTB, Comissão pela Legalidade do PC do B, Conclat, CUT, UNE, OAB, CJP e dezenas de outras entidades, cujo número tende a aumentar. A tal ato, no dia 25, já apelidado "comício monstro", deverão comparecer vários governadores, além de parlamentares, líderes sindicais e populares, artistas e desportistas.

No bairro popular do Jardim Nova Esperança, em Goiânia, por exemplo, aproxima-



Jardim Nova Esperança, Goiânia: os moradores do bairro entram na campanha.

Do Oiapoque ao Chuí, o calendário da campanha

A resenha das manifestações programadas para as próximas semanas dá bem uma idéia do ritmo que a campanha pelas diretas ganhou. Só foram registradas as iniciativas de caráter estadual, agora centenas de outras que se desenvolvem por cidade, bairro, sindicato, etc.

RORÁIMA

Manifestação dia 17 de fevereiro, em Boa Vista

AMAZONAS

Seminário pelas diretas dia 13 de janeiro e ato dia 18 de fevereiro, em Manaus

ACRE

Comício pró-diretas dia 19 de fevereiro, em Rio Branco

PARÁ

Ato dia 16 de fevereiro na Praça da República, Belém

AMAPÁ

Ato dia 15 de fevereiro

CEARA

Ato dia 28 de janeiro, em Fortaleza

RIO GRANDE DO NORTE

Comício e passeata dia 28 de janeiro, em Caicó

PARAÍBA

Manifestação dia 27 de janeiro, em João Pessoa

PERNAMBUCO

Caminhada dia 29 de janeiro e concentração dia 26, em Recife; comício dia 27, em Olinda

ALAGOAS

Ato público dia 29 de janeiro, em Maceió

SERGIPE

Dia 26 de fevereiro, em Aracaju, comício pró-diretas

BAHIA

Manifestação dia 20 de janeiro em Salvador

MINAS GERAIS

Comício dia 24 de fevereiro, em Belo Horizonte

ESPIRITO SANTO

Ato dia 21 de janeiro, em Vitória

RIO DE JANEIRO

Passeata pró-diretas em março (data ainda não fixada)

SÃO PAULO

Comício na Praça da Sé dia 25 de janeiro, às 16 horas

PARANÁ

Em Curitiba, dia 12 de janeiro, a primeira grande manifestação do ciclo pró-diretas

SANTA CATARINA

Dia 14 de janeiro em Camboriú, manifestação

RIO GRANDE DO SUL

Comício dia 13 de janeiro, em Porto Alegre

GOIÁS

Comício estadual dia 7 de janeiro, em Hidrolândia

MATO GROSSO

Ato público dia 20 de janeiro, em Rondonópolis

damente mil moradores se reuniram na noite de terça-feira, dia 3, apesar de intensa chuva, para assinalar o seu ingresso na campanha pelas eleições diretas. A iniciativa foi do Bloco Popular do PMDB goiano, que já programou atos semelhantes em outros bairros daquela capital.

CAMPANHA É TODO DIA

Estavam presentes o depu-

tado federal Aldo Arantes, os deputados estaduais Ivan Ornelas, Lino de Paiva e Eurico Barbosa, os vereadores Adalberto Monteiro e Edmundo Galdino, um representante do PC do Brasil e o vice-presidente da Fetag, Eliezer Bento. Um operário, morador do bairro, destacou na ocasião: "Nós, operários, que construímos as mansões e moramos nas favelas, necessitamos da transformação da sociedade. Por isso achamos de fundamental importância a conquista das eleições diretas, para conseguirmos democracia e a liberdade em nosso país, para que todas as correntes políticas possam se expressar livremente, inclusive o meu partido, o Partido Comunista do Brasil".

Longe dali, em Vitória do Espírito Santo, os moradores dos bairros de Ilha de Santa Maria e Monte Belo também estão engajados na campanha, desde a fundação do "Comitê Teotônio Vilela pela Diretas", cujo ato de lançamento compareceram os deputados federais Nelson Aguiar e Mirtes Bevilacqua, do PMDB, e inclusive Theodorico Ferraco, líder do grupo "Participação", dissidente do PDS, além de representantes do PT, PDT, PC do B, de sindicatos e associações de bairros. (das sucursais)

Opinião

Em ritmo de campanha

Grandes campanhas nacionais são uma forma específica de luta já enraizada nas tradições democráticas e patrióticas do nosso povo. A primeira delas foi a Abolicionista, surgida nos anos 70 do século passado e vitoriosa anos depois, graças ao empenho de Castro Alves e de tantos outros. Tivemos também a Campanha Republicana; a Civilista, em 1909; a da Aliança Liberal, que culminou com o movimento de 1930; a da Aliança Nacional Libertadora, em 1935; a campanha pela participação do Brasil na guerra contra o fascismo, em 1942;

a da Constituinte, em 1945; a do Petróleo é Nosso, nos anos 50; a das Reformas de Base, sob o governo Goulart, e ainda há poucos anos, tivemos a memorável Campanha da Anistia.

E uma forma de luta específica por ter características próprias, diferenciadas — principalmente a mobilização de um vasto leque de setores num esforço concentrado, em que se põem em tensão todas as forças, em busca de objetivos precisos. É bom recordar isto, hoje, quando o povo brasileiro entra, mais uma vez, e numa larga escala, em ritmo de campanha.

Figueiredo investe contra as estatais

Nas duas últimas semanas o governo federal desatou uma chuva de decretos para arrebentar com as estatais e com seus empregados. Cortou salários e vantagens adquiridas. Cortou o investimento e todo o volume de recursos em aproximadamente um terço. Figueiredo segue fielmente a política do FMI: paralisar o Brasil para melhor domina-

o. Em 1983 as estatais aplicaram um total de 5,4 trilhões em investimentos, e isso já representou uma queda real superior a 15%, em relação a 1982. Essa queda foi um dos principais fatores da depressão que se instalou em nossa economia e que levou o produto industrial a cair 9,5% em 1983.

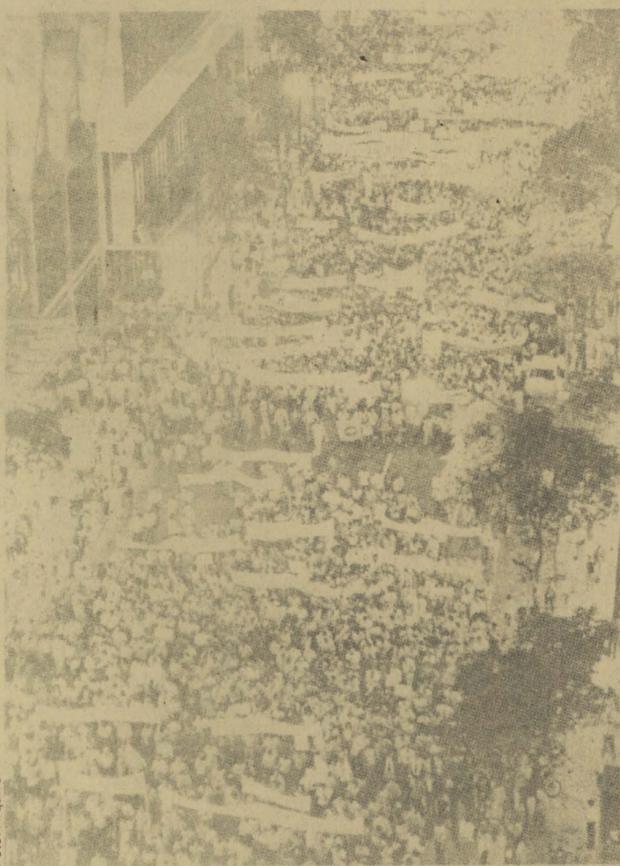
Para 1984 a coisa piora e muito! O governo, numa medida truculenta, quer limitar os investimentos das estatais em 10,5 trilhões de cruzeiros. Supondo uma inflação de 200% para 1984, o valor dos investimentos deveria ser de 16 trilhões de cruzeiros, para ficar no nível já baixo de 1983. São 6 trilhões a menos, 33% de queda.

TRABALHANDO PARA OS BANQUEIROS

O orçamento das estatais, apresentado em 4 de janeiro, é uma síntese de entreguismo e depressão. Enquanto a receita operacional (tarifas dos serviços prestados etc.) está planejada para crescer 190%, as despesas com os trabalhadores em salários e encargos serão reajustadas em 144%, muito abaixo da inflação. Ao mesmo tempo as despesas com as prestações da dívida externa estão planejadas para crescer 209%!

Aí estão os dados. Arrocho para os salários, aumentos brutais nas tarifas e serviços, desvio cada vez maior de recursos para os banqueiros estrangeiros.

Em outubro do ano passado o governo tentou passar no Congresso o decreto 2.036. Era um superarrocho contra os funcionários das estatais. Mas foi fra-



Passeata, no Rio, dos trabalhadores das estatais, em junho de 83.

gorosamente derrotado por 260 votos contra 3, fruto de um amplo movimento dos trabalhadores das estatais, com o grande apoio social.

Agora depois da cassação e intervenção em vários sindicatos e se aproveitando do recesso do Congresso, Figueiredo assinou vários decretos e portarias, no mesmo espírito do famigerado 2.036.

CÍNICO DISFARCE

Com a desculpa de atacar as "mordomias" dos trabalhadores o governo investiu contra os aumentos salariais baseados em produtividade, contra o 14º salá-

rio, contra o auxílio-moradia, auxílio-natalidade e vários outros direitos adquiridos, muitas vezes por lutas sociais já históricas.

Mas essa argumentação é destruída pela realidade. As mordomias estão — e todo mundo sabe — é no Palácio do Planalto e na alta cúpula das estatais, nos jatinhos e "festinhas" dos altos escalões. Os trabalhadores das estatais há muitos anos vêm sofrendo pesada queda em seu poder aquisitivo.

Todas essas medidas de arrocho e contenção são imposições do FMI. A destruição das estatais é uma preparação para um domínio mais completo do Brasil.

Juvêncio Mazzarollo é o último preso político

O jornalista Juvêncio Mazzarollo, editor do jornal paraense "Nosso Tempo", é hoje o único preso político do país. Em novembro a nova Lei de Segurança Nacional excluiu de suas sanções os chamados delitos de opinião e crimes de imprensa; mas Mazzarollo continua encarcerado, há mais de 15 meses, num quartel do Corpo de Bombeiros em Curitiba.

Segunda-feira, dia 2, o advogado Antonio Carlos Netto deu entrada na Auditoria Militar de Curitiba com um pedido de liberdade condicional, ainda não apreciado. Porém segundo a opinião colhida junto aos membros do Comitê Juvêncio Mazzarollo

não há expectativa de uma decisão favorável ao prisioneiro, que recentemente teve sua pena ampliada para quatro anos, à revelia dos advogados de defesa. Neste caso, o advogado pretende ingressar na próxima segunda-feira, data de reabertura do Supremo Tribunal Militar em Brasília, com um pedido de readequação da pena imposta ao jornalista de acordo com o novo texto da LSN.

MANCHA DA ESCURIDÃO

Contatado por telefone, Juvêncio Mazzarollo mostrou-se mais animado com as possibilidades de obter a revisão de sua pena. Mas denunciou que o pedido formulado por seu advogado, de passar as festas de fim de ano com sua família, no interior do Rio Grande do Sul, foi recusado.

O juiz da 5ª CJM, Carlos de Moraes Rego, terminou indeferindo a solicitação, com base num parecer contrário do procurador da Justiça Militar, embora ele próprio tivesse sugerido anteriormente esta alternativa.

Juvêncio Mazzarollo está convencido de que a sua situação hoje é mais política do que jurídica. A seu ver há indícios seguros de que o governo federal vê o seu caso como "algo incômodo" e estaria buscando livrar-se dele. Um exemplo foi a preocupação demonstrada pelo vice-presidente Aureliano Chaves, após receber um "Dossiê do Caso JM" das mãos do deputado Sérgio Spada. "Afinal — justifica o jornalista — sou o último preso político, a última mancha mais visível de um tempo de escuridão que esperamos nunca mais o país venha a presenciar".

EFEITOS DA GREVE

As manifestações do governador José Richa também animaram Mazzarollo. Ele se queixara, durante os 17 dias de greve de fome que realizou em outubro do ano passado, da pouca pressão que o governo estadual vinha exercendo para solucionar o seu caso. Agora, porém, manifesta satisfação com as recentes declarações do governador, pela televisão, no programa "Canal Livre". Na ocasião, Richa afirmou que queria duas coisas do governo federal: a libertação de Juvêncio Mazzarollo e eleições diretas para a Presidência da República.

A campanha pela libertação do jornalista encarcerado deve se intensificar nos próximos dias, sob o impulso da grande manifestação popular que será realizada em Curitiba pelo retorno das eleições diretas, quinta-feira, dia 12, às 18:30 horas, na Boca Maldita. É provável que no mesmo dia organize-se uma passeata até o Quartel dos Bombeiros, para exigir a libertação do último preso político do Brasil. (da sucursal).

A escola do major Ferreira é o arbítrio

O major José Ferreira dos Anjos, um dos ladrões e corruptos envolvidos no Escândalo da Mandioca e conhecido assassino do procurador federal Pedro Jorge de Melo e Silva — que investigava o Escândalo — volta aos noticiários nacionais, de maneira espetacular. Agora o famigerado criminoso enviou cartas a um radialista e ao governador de Pernambuco, com ameaças: "Aos meus inimigos comunistas anistiados e esquecidos: rezem para que eu, de fato, não me marginalize. Se isso acontecer, provavelmente voltarei ao Brasil, esquecido também da anistia, disposto a tudo, usando de toda minha experiência e do meu adestramento contra esses revanchistas que querem me incriminar de qualquer maneira".

Na carta enviada ao governador Roberto Magalhães, do PDS, Ferreira lembra também que o contrabando de armas que realizara anos atrás beneficiava o Exército, que utilizava as armas, no assassinato de opositores políticos e até mesmo nos desfiles de 7 de Setembro. Ferreira recorda assim, aos detentores do poder, que tem informações sobre os crimes da ditadura — crimes nos quais também participou ativamente.

FRUTOS DO REGIME

Não é atoa que o militar referisse à sua "experiência" e "adestramento" adquiridos nos porões da ditadura. O Escândalo da Mandioca — até hoje não apurado e com seus participantes impunes — e tantos outros escândalos, como os da Delfin, Coroa-Brastel, Polonetas, Embaixada dos 10% etc. etc., são frutos do regime de arbítrio, impunidade e corrupção instaurado pelos militares em nosso país desde 1964. Não é por acaso, também, que o major dos Anjos imediatamente aponta como alvo de suas ameaças os comunistas. Afinal, foi sob a alegação de combate ao comunismo que foram realizados os maiores crimes contra a humanidade em nosso país. Ferreira reza pela cartilha dos militares golpistas, e é nela que colhe argumentos para seus pronunciamentos públicos. E é no seio dos golpistas, também, que busca o refúgio da impunidade aos crimes que cometeu.



Foto: Arquivo

Durante a noite os moradores bloquearam a pista com os gradis.

Explosão popular em Guarulhos

Na quarta-feira dia 4, revoltados com o atropelamento de uma senhora de 42 anos e de sua neta de dois anos, na Rodovia dos Trabalhadores, em Guarulhos, na Grande São Paulo, mais de 500 populares apedrejaram e queimaram um Fiat e colocaram a polícia para correr. Esta foi a primeira explosão espontânea do ano, que promete ser dos mais quentes.

Armados com pedras e paus, os moradores do miserável e esquecido bairro dos Pimentas estouraram sua revolta quando o Fiat do corretor de imóveis Reinaldo dos Reis atropelou as duas pessoas, às 20 horas. Reinaldo fugiu, escondido na ambulância, enquanto os populares destruíam seu carro. O automóvel foi incendiado e uma guarnição do Corpo de Bombeiros foi impedida de se aproximar para apagar o incêndio.

O novo alvo da revolta dos populares passou a ser a polícia logo que alguns soldados do Tático Móvel da PM chegaram e investiram contra os revoltosos. "Lincha, lincha", eram os gritos dos moradores, que exigiam: "Queremos um viaduto e não a polícia" e "A

gente não é bandido, a gente quer viver". Só nos últimos dez dias ocorreram 12 atropelamentos nesta rodovia, inaugurada às pressas pelo ex-governador Paulo Maluf para conquistar votos na eleição de 82. Não há viadutos e os moradores não têm como passar de um lado para outro nem para levar os doentes ao Hospital Santa Terezinha, o único da região.

Os habitantes da área já fizeram vários protestos, exigindo a construção de um viaduto. Só nos últimos dias, após o Natal, eles fizeram três invasões da pista. "Mas a gente só ouve promessas das autoridades", comenta uma moradora, que ameaça: "Vamos esperar até amanhã e se não vier ninguém sério a gente pode perder a cabeça. Chega de ser chamado de favelado, marginal, bandido. Será que não temos direito à vida, não? Nós só queremos viver como gente". Até a manhã de quinta-feira a rodovia dos Trabalhadores estava interdita e nem a polícia tinha acesso. Os moradores a bloquearam na altura do quilômetro 26 fazendo barreiras com os gradis que servem para dividir as duas pistas.



Foto: Arquivo

Na porta da Confab, ocupada, o diretor de base do Sindicato, Enéas.

Greve vitoriosa contra o 2045 em Pindamonhangaba

A partir do dia 1º os 700 funcionários da Confab-Tubos, de Pindamonhangaba, começaram a colher os frutos da greve vitoriosa que realizaram dia 15 de dezembro. O movimento, contra a aplicação do decreto 2.045 de arrocho nos reajustes salariais, começou às 11:30 horas, quando a primeira turma saiu para o almoço. Os portões da fábrica foram fechados e ninguém mais podia sair ou entrar. Ficaram bloqueadas inclusive três carretas carregadas de tubos, que seriam embarcadas no porto do Rio de Janeiro com destino à Bolívia. Os operários se plantaram no portão e impediram que as carretas passassem.

Às 17:30h os patrões pediram negociações mas, na reunião com os trabalhadores e diretores do sindicato dos Metalúrgicos de Taubaté disseram que só discutiriam se as carretas saíssem. Levado para uma assembleia dos grevistas, o ultimato foi rejeitado e decidiu-se ficar na fábrica até haver uma solução. Cerca de 500 operários ficaram, para segurar as carretas.

A noite chegaram as forças policiais, armadas de carabinas e metralhadoras, mas os diretores do Sindicato advertiram à gerência que se a polícia entrasse a entidade não se responsabilizava pelo que aconteceria. "O pessoal estava

disposto a qualquer coisa e arremou uma forma de se defender usando os hidrantes e extintores de incêndio" — relata Enéas Silva Santos, diretor de base da Confab.

Com isso, os operários passaram o resto da noite tranquilos, com cobertores e alimentos levados até a fábrica por suas esposas. O Sindicato e a Prefeitura oposicionista de Pindamonhangaba dividiram os gastos com alimentação e vários parlamentares do PMDB passaram a noite ali.

No dia seguinte, às 13:30h a direção da empresa teve finalmente que recuar, reabriu as negociações e aceitou reajustar os salários conforme o decreto-lei 2.065 e não o 2.045, beneficiando os operários.

Segundo os diretores do Sindicato, há muito tempo não se via uma greve com moral tão elevada. A Confab, única empresa em toda a região que insistia em manter os reajustes com base no decreto 2.045, recebeu uma lição. A adesão da base foi de praticamente cem por cento, entre os horistas, os mensialistas e até o setor de transporte e o de engenharia. O Sindicato saiu fortalecido pela atuação de seus diretores de base Enéas e o Marrón, e está em condições de iniciar a campanha salarial de 1984 a partir de uma posição de força. (da sucursal).



Foto: Arquivo

Homenagem do CCO a Graboís

O Centro de Cultura Operária de São Paulo realiza, no próximo dia 13, às 19h30m no Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, uma homenagem ao dirigente do Partido Comunista do Brasil e comandante da Guerrilha do Araguaia, Maurício Graboís. A homenagem se dá por ocasião dos 10 anos da morte de Graboís, nos campos de batalha no Sul do Pará, em dezembro de 1972.

Na oportunidade o veterano dirigente do PC do Brasil e companheiro e amigo de Maurício Graboís, João Amazonas, fará um pronunciamento sobre a vida e a luta desse combatente de vanguarda do proletariado brasileiro. Também familiares de Graboís e o presidente do C.C.O., José Duarte, usarão da palavra. Serão ainda recitadas poesias sobre a guerrilha do Araguaia e sobre a luta do povo pela liberdade. O Sindicato dos Jornalistas fica na Rua Rego Freitas, nº 530, sobreloja.



Campanha de solidariedade durante a greve de fome: surtiu efeito

“Pela posse da terra o lavrador dá sua vida”

Wilson Martins Furtado, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Correntina, é uma das mais respeitadas lideranças sindicais do campo, na Bahia. A entidade que dirige tem estado à frente das lutas, numa área onde a implantação dos projetos de reflorestamento já matou 25 trabalhadores. A Tribuna Operária ouviu as opiniões do líder sindical.

Tribuna Operária: Como você vê a proposta da reforma agrária hoje?

Wilson Martins Furtado: A resistência do posseiro na sua terra, lutando contra os jagunços, os fazendeiros e os grandes projetos, é uma espécie de reforma agrária. É a forma de o lavrador fazer sua reforma agrária na prática.

Além de resistir na terra, ele ainda tem que produzir sem quaisquer recursos governamentais, o que exige um esforço sobre-humano.

Na maioria das vezes o lavrador trabalha sem comer. Pela necessidade que ele tem da terra, dá sua própria vida por ela.

Como proposta política, esta bandeira, hoje, já é defendida pela totalidade dos partidos políticos e pelo conjunto da sociedade. Só não ganhou maior impulso porque ainda não conseguiu mobilizar os principais interessados, os trabalhadores rurais. Isto ocorre devido às grandes perseguições no campo, com a morte de dezenas de ativistas e lavradores, e a outras debilidades do próprio movimento sindical rural.

TO: E como você vê, neste sentido, o lançamento da campanha pela reforma agrária, na Bahia?

WMF: A Federação dos



Wilson: líder sindical baiano

Trabalhadores na Agricultura da Bahia (Fetag), através do seu Conselho, reunido em novembro, acertou seu lançamento para a primeira quinzena de fevereiro, com a participação de todas as organizações interessadas no problema. Apesar de tardio, o lançamento é oportuno e, para que tenha repercussão, é necessário mobilizar o maior número de Sindicatos de Trabalhadores Rurais.

TO: Qual o papel dos STRs nesta batalha? E quais suas debilidades?

WMF: O papel dos Sindicatos é o de representar a classe desde as questões jurídicas, assistenciais, políticas, educacionais e até técnicas. Ainda hoje um grande número de dirigentes sindicais

não foi ganho para transformar suas entidades em órgãos de luta, mobilizadores e organizadores. Há um exagero assistencialista, tornando-se assim mais importante extrair um dente do associado ou transportar um outro com dor de barriga. Desta forma ele tenta com a assistência médico-hospitalar curar enfermidades que têm origem na exploração de classe, na fome.

TO: E como você vê a atuação da Fetag e o que propõe para melhorá-la?

WMF: Vejo uma atuação fraca. Uma Federação que representa 212 Sindicatos num Estado que é maior do que a França não tem representatividade suficiente para encaminhar as lutas e conquistar vitórias. Ela tem um método centralizador, o que acarreta um grande prejuízo para o desenvolvimento da luta sindical no Estado. Não há planos de trabalho para os mais diversos setores da classe: posseiros, assalariados, colonos, pequenos produtores. Um exemplo típico é o dos assalariados do café que, após um certo avanço nas lutas, recuaram. Atualmente a atuação melhor da Fetag se dá na área da seca. A própria ausência de reuniões freqüentes do seu Conselho tem ocasionado o enfraquecimento do trabalho sindical.

Para modificar esta realidade, a Fetag devia em primeiro lugar procurar dar meios para que os dirigentes de cada Sindicato assumam suas obrigações. Isto através de um bom assessoramento político, deixando claro a eles que atualmente não há espaço para os dirigentes não-comprometidos com as lutas dos trabalhadores. Também seria necessário descentralizar o trabalho administrativo da entidade estadual. (da sucursal)

Metalúrgicos cariocas vão a novo escrutínio

Na primeira votação para a escolha da nova diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro, em dezembro, a categoria optou pela melhor chapa: a União e Luta, chapa 1, obteve 3.385 votos. A 2 ficou com 1.830, e a 3, que posa de oposição mas é financiada pelo patronato, conseguiu 2.757 votos (ver box). Contudo pela regulamentação do Ministério do Trabalho haverá um novo escrutínio, de 16 a 21 de janeiro.

A vitória da União e Luta foi comemorada pelo que há de mais atuante no sindicalismo carioca. Afinal, o Sindicato dos Metalúrgicos do Rio, o segundo maior do país, com uma base de 150 mil operários, encontra-se totalmente imobilizado. A diretoria atual, encabeçada pelo pelego Pimentel, enfraqueceu e desprestigiou a entidade. Neste sentido, a vitória da chapa 1 abre perspectivas para a dinamização do Sindicato.

A proposta de renovação da entidade foi um dos fortes motivos da vitória da União e Luta: “O pessoal que freqüenta o Sindicato reconhece a gente como a verdadeira oposição”, afirma Nelson Miranda, membro da executiva da chapa 1, que acrescenta: “Sabe que nós nunca abandonamos a entidade, mas que sempre nos opusemos ao corpo mole da maioria da direção sindical”. Já os membros da chapa 2, numa posição paralela, abandonaram o Sindicato, e os da 3 “só fizeram puxar o saco dos pelegos”.

A União e Luta conseguiu aglutinar destacadas lideranças surgidas nos últimos sete anos de lutas. E está viva na memória da categoria a posição assumida por seus membros nas mais recentes batalhas.

No dia 21 de julho, Dia Nacional de Greve, foram os ativistas que paralisaram a Ishibrás, a única fábrica que parou no Rio. E na última campanha salarial, em novembro, seus integrantes compuseram a Comissão de Salário.

Para os seus integrantes, outra razão da vitória reside no fato de os metalúrgicos sindicalizados terem entendido que a chapa 1 é a melhor alternativa no momento para fortalecer o Sindicato: “Os companheiros sabem que a chapa 1 quer renovar a nossa entidade”, explica José Arimatéia, membro da executiva da chapa, que argumenta: “A preocupação central da nossa chapa é dinamizar o Sindicato e suas delegacias sindicais. Sua prioridade número um é organizar os metalúrgicos no interior das fábricas. Este trabalho é decisivo para barrarmos o desemprego e a tentativa do governo de administrar a crise jogando o povo na miséria”.

A falsa oposição da chapa 3

Travestida de oposição, a chapa 3 dos metalúrgicos cariocas fez uma campanha eleitoral das mais mentirosas. Conhecendo a vontade da categoria de ver o Sindicato renovado, sem os atuais pelegos, a chapa tentou se passar por inimiga de Pimentel, presidente da entidade.

É só recordar o passado recente para ver que os membros da chapa 3, principalmente aquele que a encabeça, Marcos Carvalho, foram durante os últimos anos os maiores puxa-sacos e carrega-malas do pelego Pimentel: eles ajudaram-no a eleger-se nas duas últimas eleições e deram-lhe sustentação nestes seis anos. Muito comum era ver nas assembleias Marcos Carvalho defendendo o pelego, abraçando-o, enquanto os associados o criticavam pelo imobilismo e gritavam “Fora, Pelego”. Sem dúvida, a chapa do continuísmo, do peleguismo e da corrupção é a 3.

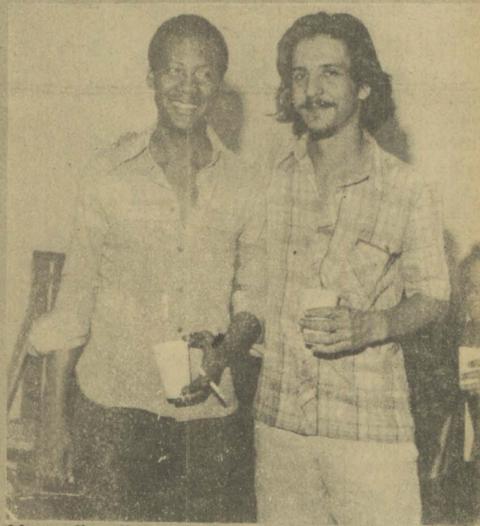
CAMPANHA DE MENTIRAS

Toda a campanha da chapa 3 foi feita à base de mentiras e calúnias. Marcos tentou se passar por sindicalista de oposição ao governo militar. Seguindo a política do jornal *Hora do Povo*, várias vezes defendeu a aliança com o PDS e mesmo com o patronato. Sua proposta sindical é a mais atrasada; defende a aliança com os piores pelegos.

Na época da campanha eleitoral de 1982, ele foi guindado bionicamente para a Delegacia Sindical da Área Naval. Na assembleia para a escolha do delegado do setor, foi derrotado e vaiado, mas depois o pelego o indicou e ele aceitou, à revelia da categoria. Neste período, usou a sede da delegacia para fazer campanha eleitoral dos seus candidatos; depois de novembro, abandonou-a, desativando-a e deixando os metalúrgicos dos estaleiros sem um local para se reunir.

AJUDA DOS PATRÕES

Sua chapa foi formada sem princípio algum, com a única preocupação de somar os 24 integrantes. A maioria dos seus membros nem participam do Sindicato e das lutas no interior das fábricas. E vários deles, os mais honestos, pediram para retirar seus nomes. Hoje só restam 15 membros. Um dos que pediram desligamento, Onofre Correa, da GE,



Marcos Carvalho, da 3, abraçado ao pelego Pimentel

foi taxativo num documento: “Marcos Carvalho, cabeça da chapa 3, usou meu nome para me inscrever numa chapa, sem minha autorização e conhecimento. Ele foi irresponsável e leviano, quase causando minha demissão”. Onofre passou a apoiar a chapa 1.

A prática dos seus membros é tão ruim que tem conquistado a simpatia dos patrões os quais, através do ex-advogado do Sindicato, financiaram sua campanha eleitoral. Políticos corruptos também ajudaram materialmente a chapa 3, dando-lhe carros e equipes de pichadores.

SUJEIRA NO CANECO

Uma das mentiras que Marcos Carvalho inventou para obter votos no estaleiro Caneco, um dos maiores do Rio, é a de que os membros da sua chapa teriam dirigido a greve de 1979. “Eles têm divulgado que foi o Roberto da Silva que esteve à frente da paralisação e da passeata do Caneco. Pura mentira”, afirma Joel Teixeira da Silva, que trabalhou como soldador no Caneco e foi demitido devido à sua atuação.

Joel relata: “Naquela época, eu nunca vi o Roberto no Sindicato. Comenta-se, inclusive, que ele até teria quebrado o braço quando pulou o muro para furar a greve”. Os que realmente se destacaram na paralisação, e que hoje apóiam a chapa 1, foram: o encanador Romildo; o chapeador Antônio Paulista, o ajustador mecânico Antônio Cláudio; Francisco e Joel. Depois da greve eles foram demitidos, numa verdadeira caça à bruxa que a empresa promoveu contra as lideranças. “Já o Roberto continua na firma até hoje e nunca foi reprimido”, conta, ironizando, Joel.



Francisco, Joel, Cláudio e Romildo: grevistas do Caneco estão com a chapa 1.



No dia 23 de dezembro, os grevistas fizeram a Passeata da Panela Vazia de Natal.

Greve na Caldas Júnior obtem apoio dos gaúchos

Os funcionários da Empresa Jornalística Caldas Júnior, no Rio Grande do Sul, completam 25 dias de greve no próximo dia 6 de janeiro. Eles reivindicam o recebimento dos salários atrasados de outubro, novembro e dezembro, e o 13º. O proprietário da firma, Breno Caldas, que é latifundiário e criador de puros-sangues que correm no Jockey Clube, permanece intransigente, alegando falta de condições econômicas!

Para Remi Baldasso, presidente do Sindicato dos Jornalistas, a razão da firmeza e unidade de jornalistas, motoristas e gráficos em greve se deve “à disposição em receber os salários atrasados e à agressividade da empresa contra os grevistas que lutam por seus direitos”, acrescenta ainda do “apoio e solidariedade recebidos pelos funcionários através do Fundo de Greve, com o que foi possível a distribuição diária de ranchos e vales para os grevistas”.

O Fundo de Greve já arrecadou 3,5 milhões de cruzeiros, dos quais 3 milhões já foram repassados. A coleta tem sido feita junto a empresários, parlamentares, jornalistas de outras empresas e colegas de rádio e televisão. Os artistas gaúchos também realizaram vários shows de solidariedade ao movimento, e a população tem colaborado comprando bônus à venda em bancas na frente da Caldas Júnior e na rua da Praia.

Todo este apoio se deve à justiça da luta e também à intransigência da empresa, composta por TV e rádios Guaíba AM/FM e pelos jornais *Correio do Povo* e *Folha da Tarde*. Na véspera do Natal, o Tribunal Regional do Trabalho propôs à firma e aos grevistas o retorno imediato ao trabalho, com recebimento dos salários de outubro e novembro até 31 de dezembro, e do salário de dezembro e do 13º até 15 de janeiro. A proposta, aceita pelos trabalhadores, foi rejeitada por Breno Caldas.

Vitória importante dos

grevistas foi a decisão da 5ª Junta de Conciliação e Julgamento da Justiça do Trabalho, tomada dia 27. Ela determinou que todas as agências de propaganda devem conduzir à justiça os valores de pagamentos destinados à Caldas Júnior e que o faturamento diário da empresa seja recolhido. No próximo dia 10 será nomeado um relator para buscar uma solução para o impasse no Tribunal do Trabalho.

No dia 12 haverá um ato público de apoio aos grevistas, convocado pelo movimento sindical gaúcho. E já foram feitas várias passeatas com panelaço pelo centro da cidade. Neste final de ano, o Fundo de Greve liberou 750 mil cruzeiros em vales. Já os fura-greves eram informados pela empresa de que não receberiam nada. As contribuições para o Fundo de Greve podem ser depositadas na conta 35.036.579.0-9, do Banco do Estado do Rio Grande do Sul, agência Matriz, em Porto Alegre, em nome de Sérgio Carlos Canova. (Ilmar da Silva, da sucursal)

Despejos e violências contra garimpeiros de Goiás Velho

No município de Goiás Velho, ex-capital do Estado de Goiás, centenas de garimpeiros estão sendo ameaçados em seu trabalho por soldados da PM e agentes da Polícia Federal. Nas últimas semanas a polícia já fez três despejos, sendo que no realizado dia 25 foi utilizada uma tropa de 11 soldados. O gerente da Fazenda do Nego Oliveira, local da garimpagem, chegou a agredir a pauladas um garimpeiro que se recusou a deixar o seu trabalho. São grandes a insegurança e a revolta na região.

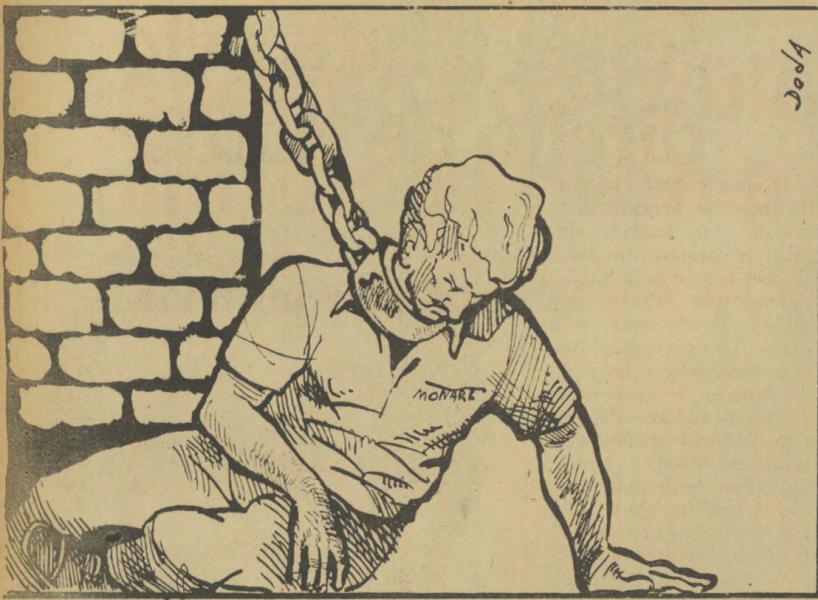
“FALTA TERRA”

Os cerca de 8 mil trabalhadores sem terra para plantar que vivem no município, procuram na faiscagem a única alternativa de sobre-

vivência. São homens, mulheres e crianças os quais, não encontrando emprego na cidade, vão aos leitos dos rios próximos procurar ouro que lhes garantirá o sustento de suas famílias. Em média, extraem meio grama de ouro por dia, o que lhes permite conseguir cerca de 4 mil cruzeiros diários.

A Tribuna Operária conversou com alguns garimpeiros de Goiás Velho, como seu Odimar Campos de Souza, pai de cinco filhos, que presenciou no dia 28, o despejo de cerca de 70 faisqueiros. “Não é certo eles tirarem a gente da faiscagem porque é a única forma da gente sustentar os nossos filhos. Terra a gente não tem e há seis meses eu não encontro emprego nem de pedreiro”.

Já seu Antônio completa: “Eu acho que, se eles continuarem com essa maldade de não deixar a gente trabalhar, o que vai restar é fazer como o povo de São Paulo, invadir armazém e supermercado”. Bastante inseguro, Valdino, uma criança de 12 anos que, a exemplo de mais de cem crianças de Goiás Velho, ajuda a sua família na faiscagem, acha toda esta situação uma grande injustiça: “Eu trabalho no garimpo porque não encontro outro emprego e, se eu ficar sem trabalhar, a gente vai passar fome em casa. Por isso acho uma injustiça e me estão fazendo com medo estes trabalhadores. É preciso liberar todos os locais para a gente poder garimpar tranquilo e poder sobreviver. (da sucursal)



Monark vive de sangue operário

Cada dia são mais difíceis as condições de trabalho na Monark (São Paulo). Hoje vive-se um clima de intranquilidade, com a ameaça de ser mandado embora a qualquer momento. O medo atinge todo mundo, o que dificulta inclusive o trabalho, pois se fica nervoso e se corre até o risco de sofrer acidente. O atestado do Sindicato, que sempre foi aceito, agora a empresa oferece dificuldades para aceitar.

Antigamente não precisava exame de sangue para entrar na Monark. Hoje tem de fazer exame e, mais do que isto, tiram quase um litro de sangue, que não sabemos se vendem ou o que fazem.

Devido ao clima de ter-

ror, a enfermaria da Monark mais parece o INPS, com filas longas de operários para serem atendidos, pois a empresa dificulta a ida ao convênio. Outro dia um operário, já em estado grave na fila da enfermaria, começou a passar mal. Foi levado às pressas para o hospital mas morreu a caminho, de subnutrição, depois de 25 anos de casa. Teve outro companheiro que morreu esmagado sob as rodas de um caminhão, no lixo da fábrica, fazendo hora-extra.

A firma obriga a fazer hora-extra. Quem não faz sofre ameaça de perder o emprego. As oito horas de trabalho foram uma conquista dos trabalhadores em grandes lutas, aqui e em outros países. Hoje te-

mos que nos unir e lutar para garantir este direito conquistado pela classe operária.

Meu pai é aposentado. Depois de uma vida de trabalho e contribuição com a Previdência Social, não ganha o suficiente para viver. Tenho que dividir com ele meu mísero salário!

Para enfrentar estes problemas todos e outros que temos, precisamos nos unir. Fazer uma grande corrente de mãos dadas para enfrentar os patrões e o governo, que cada dia arrocham mais os salários. Hoje, ao se entrar na Monark já se é obrigado a deixar um litro de sangue; o resto, é tirado aos poucos. (um operário, leitor da TO - São Paulo, SP)

Bóias-frias denunciavam inferno da Bandeirante

Dia 7 de dezembro de 1983, chegaram à sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Correntina (Bahia) 12 trabalhadores da firma Bandeirante Reflorestadora, retirados a pé do Rio Santo Antonio, distante 48kms, para denunciarem os maus tratos e arbitrariedades de que foram vítimas pelo gato Zezé e pelo gerente Joacir.

Eram eles: Vera Lúcia Zilma de Araújo (23 anos, Guanambi), Carlos Elvécio Vieira Mendes (24 anos, Guanambi), Julinda Ferreira dos Santos (20 anos, Lara), José Paulo Araújo (21 anos, Lapa), José Carlos dos Santos (19 anos, Lapa), Juarez dos Santos (13 anos, Lapa), Valdete Cabral dos Reis (19 anos, Lapa), Isabel Souza de Jesus (19 anos, Lapa), Antonio Gonçalves Magalhães (21 anos, Lapa), Almir da Silva Souza (19 anos, Lapa), Carlos Vasconcelos Silva (20 anos, Agrovila 9), Antonio Vicente de Oliveira (17 anos, Agrovila 4).

Julinda e José Paulo saíram da Lapa no dia 4, levados pelo gato Zezé, residente na Agrovila 4. Não acertaram o preço. No primeiro dia, José Paulo ficou parado até o meio-dia, trabalhando das 13 às 18 horas. Na terça-feira, segundo dia, o mesmo aconteceu. O gato não tinha acertado nada com a firma. Por isso José que estava certo de trabalhar para ele, passaria a trabalhar para a firma. Dormiu numa casa da firma, que ajudou a reparar e cuja parede desabou dia 7, quase caindo em cima dele e dos companheiros.



José Paulo denunciou a qualidade da comida, que era "sem sal, sem óleo, feijão e arroz mal cozidos, com ovo". Dia 7 à tarde, quando o pessoal reclamava condução para Correntina, Zezé, o gato, mandou fazer a fila para bater nele. "Mas que com certeza ele deixaria uns quatro no chão". Julinda, que acertara para trabalhar na cantina, foi mandada para o campo. Denuncia ela que nenhum dos trabalhadores trazidos por Zezé recebeu um só tostão. Nenhum deles foi registrado.

José Carlos, levado por Zezé numa outra remessa, começou a trabalhar no dia 2 de dezembro, das 6 às 11 e das 13 às 18 horas. Num dia que chovia muito, se negaram a trabalhar no aguaceiro; e o Zezé os advertiu de que se quizessem comer teriam que pagar Cr\$ 2 mil pela marmitta. José Carlos denunciou que o caminhão no qual foram le-

vados à firma não tinha bancada nem lona.

Juarez, de 13 anos, trabalhou três dias no plantio de pinho, sob a chuva, "sem capa nem nada". Tirava o pinho dos saquinhos e plantava na cova. "Passei fome na estrada, pois não deram nem transporte nem nosso dinheiro" — disse ele. "O gato fez falsidade com a gente. Disse que pagava bem".

Os trabalhadores se reuniram, exigiram o pagamento, que não foi feito. Então resolveram retirar-se a pé mesmo. "Se existe inferno, é a Bandeirante" — diz Julinha. As mulheres nesta firma são jogadas nos caminhões, misturadas com os homens. No dia anterior à retirada da firma, quando reclamavam transporte — conta ela — o Zezé disse-lhe: "O mesmo tapa que dou num homem, dou numa mulher também". (assinados os 12 trabalhadores injustiçados - Correntina, Bahia)

FALA O POVO



fala o POVO

Algumas das correspondências que publicamos neste número dão magníficos exemplos de como funciona a lógica dos patrões: A metalúrgica Monark, que aproveita a admissão de novos operários para arrancar-lhes sangue. A Goodyear, que levou o companheiro Camarão a perder as duas mãos na produção. A Celanese, que recorre ao estratagem de obrigar os doentes e acidentados a continuarem trabalhando, para dizer que ali não há acidentes. Ou a Reflorestadora Bandeirante, que obriga os bóias-frias a dar duro mesmo sob a chuva, e mesmo com 13 anos de idade.

São só amostras. Há muitas outras. É o sistema capitalista, que tem como pilar a exploração do trabalho alheio e gera essas monstruosidades.

Corrupção

Povo de Esperantinópolis da cidade e do interior leia estes versos e pense e passe a outros por favor pois vou falar da política nas mãos de uns traidor

Veja o que eles fizeram pelo povo trabalhador não levantaram uma palha pra defender o lavrador nas horas de perseguição eles não sentiram a dor

Eles fazem pouca coisa com as verbas que vêm se o preço for 50 mil eles assinam com cem na construção de uma obra que em algum lugar tem

Por falar em corrupção não podemos deixar de falar em Anísio Carneiro que sempre pôde enganar a consciência de muitos pra o voto deles ganhar

Comprou umas duas fazendas terra e gado com fartura pois dirigiu duas vezes as verbas da Prefeitura até que deixou um buraco fundo de muita largura

Agora com o Natal a coisa vai piorar esse é que é egoísta só a família quer ajudar pra os que são de fora ele ajuda é matar

Tem aí um bom projeto feito pelo Polonordeste de fazer uns três grupos dois pra região campestre mas veja o que estão fazendo esses ladrão da peste

A primeira verba que veio essa eles enrolaram o fiscal veio olhar se o serviço iniciaram não tinha quase nada feito e tudo eles apanharam

Nos grupos tinha que ter poço e água encanada pra fazer uma privada e essa ser bem cuidada pra o aluno poder estudar nas salas desinfetada

Mas como são enrolado vão fazer a privada fora daquelas que botam lage e fica longe da escola isso pra sobrar mais dinheiro e botar na sua sacola (um leitor - Esperantinópolis, Maranhão)

Ser mulher

Vinte e quatro horas de varizes e berros... as crianças o ato de parir não fez mais estragou minhas mãos espantou meus sonhos me despertou em função de tudo em função de todos menos de mim! (C.R.M. - Sorocaba, São Paulo)

Mecânica Jaraguá combina demissões com horas-extras

A Mecânica Jaraguá é uma metalúrgica de equipamentos pesados, situada na Leopoldina, Zona Oeste de São Paulo. Está usando um sistema de pressão para obrigar os operários a fazer horas-extras, estocando grande quantidade de materiais. E com o aumento da produtividade, começou a dispensa — primeiro a conta-gotas, agora dispensando mais de 50 companheiros de uma vez.

Este mesmo esquema ela utilizou com a sua outra fábrica, em Sorocaba, até fechá-la. A fábrica da Leopoldina tinha cerca de 1.500 trabalhadores, hoje tem uns 500.

A CIPA da fábrica não tem uma atuação voltada para os trabalhadores, sempre esteve nas mãos dos

patrões. A firma, para intimidar os operários mais ativos, persegue os sócios do Sindicato.

Depois de muitas demissões, a firma deu uma falsa estabilidade até 31 de dezembro, onde já estávamos de férias coletivas.

Apesar das perseguições dos chefes e da pouca organização dentro da fábrica, o pessoal está animado. Podemos ir à greve depois da volta das férias coletivas, em janeiro.

Nesta luta recente, junto com o Sindicato, conseguimos vitórias parciais, como o fim das dispensas até o fim do ano e três pisos salariais para os demitidos. (operários e ex-operários da Mecânica Jaraguá-São Paulo, SP).

Sede de lucro da Goodyear cortou as mãos do operário

Mais uma vítima da superexploração na Goodyear. Essa multinacional, situada no bairro do Belenzinho (São Paulo), é um lugar onde os acidentes são rotina. A falta de segurança, aliada ao ritmo acelerado de trabalho, é responsável pela morte e mutilamento de vários companheiros.

A última vítima foi o companheiro José Joaquim dos Santos (Cama-

rão), que trabalha no moinho e sofreu um acidente grave, perdendo as duas mãos. Companheiros, precisamos nos organizar para evitar os acidentes exigindo segurança. Uma maneira é irmos até o Sindicato e exigir deste uma posição frente a isto tudo. Afinal, essa diretoria foi eleita para defender a nós trabalhadores. (um operário da Goodyear-São Paulo, SP).



Truque sujo da Celanese baiana esconde acidentes

A Celanese do Brasil Nordeste SA forjou um recorde negativo de acidentes de trabalho. Atualmente ela registra no placar da CIPA 1.070 dias sem acidentes com afastamento do trabalho. Para não quebrar o recorde, e principalmente para não diminuir seus lucros, ela obriga os operários doentes a trabalharem. "Tenho colegas que estão trabalhando dentro do caixão — desabafa um operário. — Acho que a essa altura não resta mais nada de humano nos patrões". Segundo denúncias, há mais ou menos um ano dois operários passaram o período de convalescença trabalhando no horário administrativo. Como se não bastasse, outro operário extraiu alguns calos dos pés e continuou trabalhando, de sandálias.

Na opinião de Vilobaldo Andrade e Braz Gonçalves, diretores do Sindicato dos Têxteis, "geralmente os patrões atribuem a causa dos acidentes à falta de atenção dos operários, mas por outro lado os próprios patrões criam condições inseguras de trabalho".

"É necessária uma intervenção imediata dos representantes da CIPA (únicos interessados em defender realmente a vida humana) e da Delegacia Regional do Trabalho para barrar essa injustiça que está colocando em risco a vida de muitos trabalhadores", comenta Daniel Gomes, presidente do Sindicato.

Em fevereiro passado, a Celanese colocou no olho-da-rua cerca de 50 operários, inclusive diversas mulheres apenas por estarem grávidas. A Celanese demitiu alegando crise, mas os seus lucros são fabulosos, ela está inclusive concluindo a fase de ampliação. Com as demissões, devia haver uma queda de produção, pois os patrões obrigam os operários a desempenharem mais de uma função. Um operador de produção, por exemplo, faz serviços de limpeza. Os vigilantes, além do serviço burocrático, também fazem serviços de limpeza. (Maria Elizete de Souza, diretora-secretária do Sindicato dos Têxteis da Bahia).

Cadê a valentia do general Cruz?

Amigos da TO e camaradas leis ao socialismo, o meu abraço e que 84 seja de transformações nesta sociedade decadente. Só assim seremos felizes.

Estou indignado e revoltado ante a covardia de um general que, trajando um garboso uniforme mi-

litar comprado com parte de nosso salário, foi agredir um profissional da imprensa. É lamentável que tudo isso aconteça com um brasileiro e não com um desses do FMI, que vêm aqui e esculhambam com 120 milhões de patriotas. Cadê a valentia do sr. general

Newton Cruz, que só sabe dedurar brasileiros, comunistas e patriotas acima de tudo?

Abraços deste leitor que não os esquece e que tem desfraldado a bandeira de Karl Marx e Lênin. Viva o socialismo. (J.G.O. - Vila Velha, Espírito Santo).

Construtora corta salários

Tribuna Operária, aqui nesta capital (São Luiz) os operários estão sendo roubados nos seus ordenados de 1º de novembro de 1983, principalmente na construção civil. A Maranhape Construções e Decorações Ltda está rebaixando os ordenados dos operários, desde o sergente ao engenheiro. O ordenado de sergente, Cr\$ 240 por hora, está pagando Cr\$ 209; carpinteiro, pedreiro e armador, de Cr\$ 480

está pagando Cr\$ 308. Não assina as carteiras profissionais e nem paga o domingo. Está pagando por dia Cr\$ 1.376, por mês Cr\$ 41.280.

Os lavradores estão cercados de arame, não têm terra e vêm para as cidades. Afinal, nem no campo nem na cidade existe serviço para os homens e as mulheres.

Pesso não dizer meu nome. Vamos lutar porque a luta é difícil. (B.M.R. - São Luiz, Maranhão).

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Passos para o poder político

Com a enorme desmoralização do governo dos generais, por todo lado o povo discute a necessidade de mudar as coisas e constituir um novo governo. Apesar de aparecerem com diferentes nuances, no essencial existem três posições centrais sobre a questão.

PROPOSTAS POLÍTICAS

A oposição burguesa tende para o compromisso e procura uma fórmula que seja aceitável pelos ocupantes do Palácio do Planalto. Sua preocupação é realizar as mudanças da forma mais branda possível, obrigando os donos do poder a fazer concessões mas sem dar condições para que o povo tome em suas mãos o processo da luta democrática.

A pequena-burguesia toma ares radicais e fala em *ruptura* com o regime atual e em levar os *trabalhadores ao poder* — como diz um documento recente da direção nacional do PT. Mas ao abordar a questão concreta do governo que deve substituir o atual afirma genericamente que isto "o povo é que deve dizer". Não tira consequência prática do seu radicalismo verbal.

Para o proletariado, o que se coloca na ordem do dia é a liquidação do regime militar e a conquista da mais completa liberdade política. Isto terá que ser realizado por um novo governo, democrático — constituído pelas forças que lutam contra o regime militar — que revogue toda a legislação arbitrária construída pelos generais nestes 20 anos e que trate de garantir uma nova legislação, elaborada por uma Assembleia Constituinte livremente eleita. Estas são questões concretas e imediatas que correspondem à necessidade objetiva da situação política.

CONQUISTA DO PODER

Uma outra questão, que está ligada a esta porém que não pode ser confundida com ela, é a conquista do poder *pelos trabalhadores*. Ao lutar pelo fim do regime e pela liberdade política, o proletariado cria as condições concretas para que as amplas massas trabalhadoras da cidade e do campo possam se organizar livremente, tanto nos Sindicatos e outras organizações populares como em partidos políticos — em particular no Partido Comunista do Brasil como organização de vanguarda. Desta forma, abre o caminho para que o povo construa um *novo poder* — uma democracia popular em marcha para o socialismo. Um poder fundamentalmente do proletariado e das massas camponesas sob a direção da classe operária, que implica um processo revolucionário e que faz parte da luta maior pelo socialismo.

Um governo democrático, que substitua o atual governo dos generais, não significa necessariamente a tomada do poder pelo povo — embora de qualquer forma as massas populares devam estar preparadas para pressionar politicamente este governo para obter certas conquistas importantes e mesmo, de acordo com as condições, a participar deste governo. Mas pode representar um passo fundamental para abordar a revolução.

PASSOS CONCRETOS

Alguns argumentam que esta tática do proletariado adia a revolução socialista. A este respeito Lênin indicava, de modo muito claro: "Não a adiamos, e sim damos o primeiro passo para ela através do único procedimento possível... Quem quiser ir ao socialismo por outro caminho que não seja o da democracia política, chegará inevitavelmente a conclusões absurdas e reacionárias..." E mais adiante, sobre a possibilidade do fortalecimento da burguesia com a revolução burguesa, ele dizia: "O resultado do fortalecimento da dominação burguesa sobre um proletariado mais ou menos livre politicamente deverá ser inevitavelmente uma luta desesperada entre os dois pelo poder; tentativas desesperadas da burguesia para arrebatar ao proletariado as conquistas do período revolucionário".

Em Princípios-7 a nova tática norte-americana

A Editora Anita Garibaldi está lançando o sétimo número de *Princípios*, revista teórica, política e de informação. Os destaques, neste número, vão para os artigos "O Imperialismo Norte-Americano — Inimigo dos Povos da América Latina", de João Amazonas; "A Fome no Brasil", de Lígia Maria Vieira da Silva; e "Perfil da Juventude Brasileira", de Aldo Rebelo.

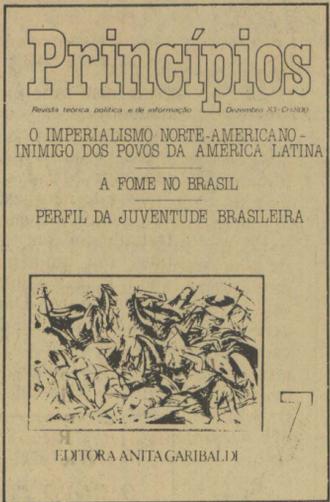
A revista traz ainda um artigo do albanês Ramiz Alia, "PTA — Uma Política a Serviço do Socialismo, da Liberdade e da Independência"; a segunda parte do trabalho de Ronald Freitas sobre "Características da Penetração do Capitalismo no Campo Brasileiro"; a apresentação feita pela Casa Editorial 8 de Novembro, albanesa, ao livro "Pelos Ideais da Liberdade, da Democracia e do Socialismo", de João Amazonas, naquele país; "Aspectos Econômicos e Sociais da Cultura do Cacau na Bahia", de José Valdo de Oliveira; e algumas cartas de Karl Marx a Kugelmann.

BELICISMO IANQUE

Em seu artigo sobre o imperialismo norte-americano, João Amazonas denuncia: "Os Estados Unidos são os principais algozes dos povos latinos e impuseram a defesa de seus interesses nos vários países do Continente. Ações que, contudo, não puderam impedir a continuidade da luta dos povos e seu anseio por liberdade. Precisamente por isso, os Estados Unidos passam a uma nova fase

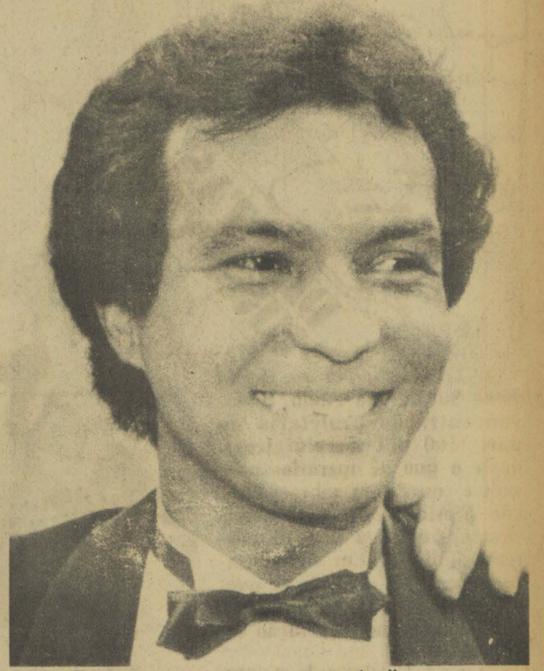
nas suas relações com esta parte da América. As fortalezas internas em que se apoiavam vão ruindo, ou desmoralizando-se, uma a uma. Chegou o momento da intervenção armada direta para manter suas posições. Tropas norte-americanas invadem países soberanos. Suas esquadras, violando preceitos do direito internacional, organizam o bloqueio dos mares que circundam as nações libertadas ou em luta por sua completa emancipação."

Afirma Amazonas em seu artigo: "Estamos diante de mudança de tática do imperialismo estadunidense que, agora, usa a força armada, a intervenção sem máscara em todos os lugares onde avança o movimento progressista. Encontramo-nos em face de um novo ciclo de invasões, de guerra aberta dos Estados Unidos contra os povos deste e de outros Continentes". *Princípios* custa Cr\$ 800,00. Pedidos à Editora Anita Garibaldi Ltda., rua Major Quedinho, 300, sala 3, São Paulo, CEP 01050.



Jessé: a luta pelo direito de cantar

O cantor Jessé era um ilustre desconhecido, até vencer um festival de músicas promovido pela Rede Globo e pela Shell, defendendo "Porto Solidão". Desde então seu nome ficou conhecido, mas associado a um tipo de música de sucesso e consumo fáceis. Recentemente Jessé mudou sua imagem. Com o apoio de Elifas Andreato, passou a realizar shows em teatro e a apresentar um trabalho musical sério e com propostas progressistas. É sobre isto que Jessé e Elifas falam à *Tribuna Operária*.



Jessé: "Estou me assumindo como compositor"

Elifas conheceu Jessé nos estúdios da gravadora RGE. Ia fazer a capa de seu disco: "Antes disso o conhecia através de rádio e tevê. Sua voz me agradava, mas só. Quando o conheci pessoalmente, vi o grande equívoco que estava acontecendo com ele. É algo meio comum: um artista acanhado, meio inseguro — o que é natural — cai numa gravadora, e as coisas lhe vão acontecendo através de uma estrutura viciada, manipuladora. Mas a gente percebe que o artista tem talento. E de repente, ele é vítima também de um preconceito no seu próprio meio. O Cauby Peixoto, por exemplo, é vítima disso; a Dalva de Oliveira, o Altamar Dutra, o Nelson Gonçalves. E com o Jessé eu vi que isso iria acontecer, mas que eu poderia fazer algo a mais por ele do que a capa do disco..."

— Você estaria então apadrinhando o Jessé junto à intelectualidade?

— Olha, eu tenho uma origem semelhante à dele, humilde. Sempre briguei e também fui vítima de discriminação por ser um artista gráfico com uma tendência às coisas mais populares, e consegui meu espaço num período em que fazia um trabalho quase que só político, no começo da década de 70, com jornais como "Opinião", revista "Argumento", jornal "Movi-

mento". Então, nesse meu encontro com o Jessé eu vi que, por trás dos dois discos dele, havia quase 15 anos de carreira, como músico de bailes, gravando com nome estrangeiro, essa coisa toda. Daí nós resolvemos contar essa história num *show*, que foi "O sorriso ao pé da escada".

"Surpreendeu até os músicos"

"Um artista cai na gravadora..."

Jessé também acha de grande importância o seu trabalho ao lado de Elifas Andreato: "Estou agora em meu quarto disco anual. E a cada ano que passa, eu consigo me assumir mais, mostrar melhor o que eu gosto de fazer. Até mesmo como compositor eu estou me assumindo. Mas isso é resultado de uma briga muito grande. Foi uma grande dificuldade montar o *show*, por exemplo. Ninguém queria patrocinar.

Foi na montagem de "O sorriso ao pé da escada" que Elifas acabou aparecendo também como compositor. E isso devido a uma série de dificuldades que surgiram durante o trabalho. Elifas denuncia: "Eu pedi músicas para alguns compositores que eu conheço. Mas as músicas não chegaram. Então, pedi a alguns letristas que nos dessem versos, que o Jessé colocaria a melodia. Mas esses textos também não chegaram. Daí eu resolvi não recuar, e enfrentei a barra de fazer música... Foi uma dificuldade muito grande para mim, mas acho que saíram algumas coisas razoáveis. Depois, levamos pessoas como o César Camargo Mariano, o Paulinho Nogueira, o Tom Zé para verem o *show*, e eles ficaram absolutamente surpresos. Os próprios músicos que trabalhavam com o Jessé no *show* ficaram boquiabertos com o trabalho que estava sendo feito..."

— E agora, esse preconceito continua?

Jessé baixa a cabeça, esboça um sorriso: "É... na verdade não acabou, não. Mas o novo disco traz novas canções minhas e do Elifas. Inclusive a faixa 'Estrela de Papel', que ganhou o 12º Festival Ibero-Americano, em Washington. Um Festival que é transmitido para todos os países da América Latina, com exceção do Brasil. Além disso, tem uma gravação da Maria Betânia, do Capiba, com a participação do Nelson Gonçalves, que é um cantor que eu admiro muito". (Carlos Pompe)



Elifas: "Eu também fui vítima de discriminação"

Publicações da Editora Anita Garibaldi

- O Eurocomunismo é Anticomunismo (E. Hoxha) Cr\$ 1.500,00
- O Imperialismo e a Revolução (E. Hoxha) Cr\$ 1.500,00
- Relatório ao 8º Congresso do PTA (E. Hoxha) Cr\$ 1.000,00
- Discurso aos eleitores (E. Hoxha) Cr\$ 400,00
- Guerrilha do Araguaia (2ª edição) Cr\$ 2.000,00
- Farabundo Martí, herói de El Salvador Cr\$ 400,00
- Os Comunistas e as eleições (V.I. Lênin) Cr\$ 600,00
- A Educação Revolucionária do Comunista (D. Arruda) esgotado
- O Revisionismo Chinês de Mao Tsétung (J. Amazonas) Cr\$ 1.000,00
- Pela liberdade, pela democracia popular (J. Amazonas) Cr\$ 800,00
- Socialismo — ideal da classe operária (J. Amazonas) esgotado
- Princípios* (Nºs 3, 4, 6) o exemplar: Cr\$ 800,00

Pedidos à Editora Anita Garibaldi Ltda., com envio de cheque nominal no valor da compra. Rua Major Quedinho, 300, sala 3, CEP 01050, Bela Vista, São Paulo, Capital.



Governo apreende filme socialista na Bahia

O Centro de Cultura Operária da Bahia está denunciando a ação da Polícia Federal contra uma iniciativa cultural promovida pela entidade, que viria a se realizar nas dependências da Associação dos Funcionários Públicos do Estado, em dezembro último. Segundo José Alcides Santos, diretor do CCO, "dentro de nossa programação cultural voltada para os setores trabalhadores baianos, estávamos por exibir o filme 'A Volta de Máximo', dos cineastas Kozintsev e Trauberg, realizado há mais de 40 anos (1937) e pertencente ao primeiro grande ciclo do cinema so-

viético. Alegando inexistência de certificado de censura atualizado, cinco agentes da Polícia Federal entraram nas dependências da Associação (sem permissão da casa e, assim, de maneira ilegal) e procederam à apreensão dos rolos da película, pertencentes à CIDEF, distribuidora paulista de filmes de arte". Para o diretor do CCO baiano, "este tipo de procedimento da Polícia Federal, de aplicar a legislação de censura, datada de 1946, às atividades cineclubistas ou culturais de forma geral, tem gerado protestos energéticos do Conselho Nacional de Cineclubes, pois visa

cercear o acesso da população a este importante patrimônio representado pelo acervo cinematográfico mundial. Isto porque é praticamente impossível, do ponto de vista econômico, manter atualizados os certificados de filmes cuja produção remonta a décadas atrás e que não têm penetração num mercado controlado por grandes firmas distribuidoras". O Centro de Cultura Operária da Bahia protesta contra o arbítrio e exige, ao mesmo tempo, uma mudança radical na metodologia repressiva que o governo dedica às atividades artísticas e culturais".

Tribuna Operária

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53 — Bela Vista São Paulo — CEP 01318
 Telefone: 36 7531 (DDD 011) Telex: 01132133 TLOPBR
 Jornalista responsável: Pedro de Oliveira
 Conselho de direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Rangel

ALAGOAS: Arapiraca: Praça Marques da Silva, Ed. Artur F. Neto, Apto. 312 — CEP 57000. Maceió: Rua Circunfer. Pinto, 183 — Centro — CEP 57000

AMAZONAS: Manaus: Rua Simon Bolívar, 231 (ant. Praça da Saudade) — Caixa Postal 1439 — CEP 69000

BAHIA: Camaçari: Rua José Nunes de Matos, 12 — CEP 42800. Feira de Santana: Av. Santos Dumont, 218 — Centro — CEP 44100. Ilhéus: Av. Juracy Magalhães, 180, Sala 204 — CEP 45600. Itapetinga: Av. Santos Dumont, 44, 1º andar — Centro. Juazeiro: Rua Américo Alves, 6-A — CEP 44060. Salvador: Rua Senador Costa Pinto, 845, Centro — CEP 40000

CEARÁ: Fortaleza: Rua do Rosário, 313, sala 203 CEP 60000. Sobral: Av. Dom José, 1236, Sala 4 — CEP 62100

DISTRITO FEDERAL: Brasília: Edifício Venâncio IV, Sala 312 — CEP 70302

ESPIRITO SANTO: Cachoeiro do Itapemirim: Praça Gerônimo Monteiro, 89, Sala 2 Centro 1 Cachoeiro — CEP 29300. Vitória: Av. Vitória, 961, Forte São João — CEP 29000

GOIÁS: Goiânia: Rua 27 Nº 69 — Centro — CEP 74000

MARANHÃO: São Luís: Rua do Machado, 174, Centro — CEP 65000

MATO GROSSO: Cuiabá: Rua Comandante Costa, 548, Fone: 321.5095 — CEP 78000

MATO GROSSO DO SUL: Campo Grande: Antonio Maria Coelho, 1152, 1º andar, sala 15, CEP 79100

MINAS GERAIS: Belo Horizonte: Av. Amazonas, 491, Sala 817 Fone: 224.7605 CEP 30000. Juiz de Fora: Galeria Constança Valadares, 3º Andar, Sala 411 — CEP 36100

PARÁ: Belém: Rua Aristides Lobo, 620 — Centro — CEP 66000

PARAÍBA: Campina Grande: Rua Venâncio Neves, 318 1º Andar CEP 58100. João Pessoa: Rua Padre Meira, 30, Sala 108 — CEP 58000

PARANÁ: Curitiba: Rua Marim Afonso, 370 — CEP 87000. Londrina: Rua Serape, 891, Salas 7 e 8 — CEP 86100

PIAUI: Teresina: Rua Eliseu Martins, 1130, 1º Andar — CEP 64000

PERNAMBUCO: Cabo: Rua Vigarão Batista, 236 — CEP 54500. Garanhuns: Rua 13 de Maio, 85, 1º andar, sala 3 — CEP 55300. Recife: Rua Sotero de Azevedo, 221, Boa Vista — CEP 50000

RIO GRANDE DO NORTE: Natal: Rua Fonseca e Silva, 1098, Sala 202, Alecrim — CEP 59000

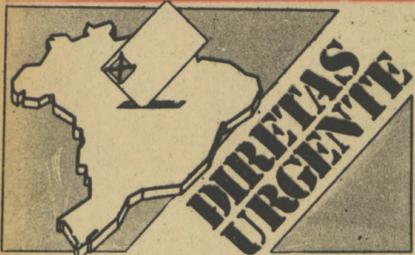
RIO GRANDE DO SUL: Porto Alegre: Rua General Câmara, 52, 5º andar, sala 503 — CEP 91000. Caxias do Sul: Rua Dr. Montalvo, 658, 1º Andar, sala 5 — CEP 95100. Pelotas: Rua Antônio Neves, 1589, sala 403 — CEP 96100

RIO DE JANEIRO — Rio de Janeiro: Rua São José, 90, Sala 2208 — CEP 20000. Niterói: Av. Armaral Peixoto, 370, sala 807 — CEP 24000. Duque de Caxias: Rua Nunes Alves, 40, sala 101 — CEP 25000. Nova Iguaçu: Rua Cláudio Tarquínio, 74, sala 609 — CEP 26000

SÃO PAULO: São Bernardo do Campo: Rua Tenente Sales, 229, sala 32 — CEP 07000. São Caetano do Sul: Rua São Catarina, 39, Sala 303 — CEP 09900. Campinas: Rua Regente Feijó, 522 — CEP 13100. Marília: Rua Dom Pedro, 180, 2º Andar — CEP 17400. Piracicaba: Rua Gov. Pedro de Tóque, 1367 — CEP 13400. Ribeirão Preto: Rua Serape, 119 — CEP 14100. Santos: Av. D. Pedro II, nº 7 — CEP 13100. São José do Campos: Rua Sebastião Humel, 185, Sala 7 — CEP 12260. Taubaté: Rua Souza Alves, 612 Sala 5 — CEP 12100

A TRIBUNA OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Com gestão e impressão por Gráfica Editorial, Rua Heitor Penteado, 236, loja B, Tel. 263.7400, São Paulo/SP.

Operários querem eleições diretas



A Tribuna Operária foi à Zona Sul de São Paulo, maior concentração proletária do país (160 mil metalúrgicos), ouvir o que os operários pensam e conversam sobre a eleição presidencial. Não encontrou um único a favor do sistema indireto. Em compensação, escutou a previsão de que, se não houver a eleição direta, pode haver uma revolução no Brasil.

Na porta da fábrica de motores MWM, na Avenida Nações Unidas, corredor das grandes indústrias da região, um pernambucano, jovem ainda, conferente de profissão, é taxativo: "Se não sair a eleição, pode haver uma revolução. Já houve até um começo disso com o quebra-quebra". Ele se refere aos violentos episódios do movimento dos desempregados, ocorrido ali mesmo, na Zona Sul Paulistana, em abril passado. Constatou também que todo mundo é a favor das diretas, mas acha que elas não vêm sozinhas e "a gente tem que pressionar o governo o máximo possível".

"Com as diretas a gente arranca esse governo fora"

Na porta da mesma indústria, à procura de emprego, o baiano José dos Santos, 26 anos, diz que quer votar e argumenta: "Assim a gente arranca esse presidente fora. Com essa crise, ninguém vai votar nesse governo".

O torneiro mecânico Lino, 50 anos, é um dos poucos nesse proletariado jovem e sem direitos que já teve o privilégio de votar em eleições presidenciais. Em 1960, ajudou a eleger Jânio Quadros. Hoje, diz que está desde agora trabalhando, na fábrica e no seu bairro, para levar bastante gente ao comício-monstro do dia 25 na praça da Sé: "A eleição direta é um passo na luta democrática" — justifica ele.

André Vicente, cearense, é outro operário que promete comparecer à manifestação do dia 25 e está incentivando seus companheiros a irem também: "Aqui dentro da fábrica — conta ele — meus colegas brincam, falam que, que tivesse abertura, eles mesmos seriam candidatos. No bairro, o

O mineiro Geraldo Farias acha que "o povo tem que ir para a rua".



Geraldo Batista é Manuel Félix, dois operários da Pirelli a favor das diretas

medo do pessoal é se o Maluf ganhar. Ai, nós estamos perdidos". A impopularidade do ex-governador *trombadão*, pelo que indica a reação de todos, continua intacta nos meios operários de São Paulo, desmentindo a fanfarronada de Maluf, de que ele levaria 10 milhões de votos de vantagem em São Paulo. André recorda que já votou uma vez para presidente e acha que "até 64 o povo teve uma boa participação, mas os governos escolhidos indiretamente sempre jogaram o povo na miséria".

"Nunca votei para presidente, mas tenho vontade"

"Nunca votei para presidente, e tenho vontade", confessa Bráulio Joaquim de Oliveira, 21 anos, desempregado. Ao lado, o alagoano Ibi Barros, técnico em eletrônica, concorda. Mais cético que os outros, Ibi não acredita na vitória

das diretas, e vaticina: "O povo não vai aceitar as indiretas. Acho que vai ter muito protesto".

Próximo ao Largo do Socorro, onde começou a manifestação dos desempregados em abril, fica a fábrica de condutores da multinacional Pirelli. Ali, o electricista Geraldo Ferreira Batista revela-se um entusiasta das diretas. Na rodinha que logo se forma para comentar o assunto, ele conta para os amigos: "Ontem a minha mulher me perguntou o que era eleição direta. Ai eu disse que se perguntarem é para ela responder só isso: 'Eu quero votar para presidente'".

Mesmo sem nunca ter sentido o gosto de votar para presidente, ou talvez justamente por isso, Geraldo é enfático: "Temos que unir todo mundo e botar para estracalhar. A gente não pode é lançar muito candidato de oposição, para não dividir". E continua: "Precisa acabar com essa safadeza que está aí. A gente não participa do bolo. O Galvêas está vindo aí, com dólares, de Nova Iorque, e a

Ibi Barros: "O povo não aceita as indiretas e vai protestar".



gente nem sabe pra onde vai esse dinheiro..."

Manuel Félix, ajudante de estiragem, é outro que teme que nas indiretas Maluf seja presidente, "pois este não gosta de trabalhador, botava a polícia em cima do trabalhador por qualquer grevina" (foi também na Zona Sul que a Polícia Militar assassinou o operário Santo Dias da Silva, na greve metalúrgica de 1979, durante a gestão Maluf). Mesmo descrente dos outros candidatos que conhece, é a favor das diretas.

"Aqui, na fábrica, o povo comenta sobre as eleições"

"Um presidente eleito pelo voto vai melhorar as condições do povo", acredita o mineiro Geraldo Vicente de Farias, pai de cinco filhos. Ele está confiante em que o direito de eleger o presidente será reconquistado, mas adverte: "O povo tem que ir para a rua". E acrescenta: "Aqui, na fábrica, e no bairro o povo comenta muito a este respeito".

Tamanha unanimidade é fruto não só da forte e espontânea intuição democrática da classe operária, como também de um trabalho de mobilização pelas diretas que já vem de algum tempo nas periferias proletárias de São Paulo. Ainda nos últimos dias de dezembro, houve na região uma eleição simulada para a Presidência, com quatro urnas colocadas em pontos distintos — uma delas na porta da metalúrgica Metal Leve. Votaram 2.200 pessoas e Ulysses Guimarães ficou em primeiro lugar, com 618 sufrágios, seguido por Lula (412), Montoro, Tancredo, e só depois deles Aureliano Chaves e Mário Andreazza, tão badalados como *presidenciáveis* indiretos — enquanto Maluf se perdia entre os últimos colocados.

"Mas a saída mesmo é uma revolução"

Ao lado disso, a classe operária manifesta também outros sentimentos radicais, mais avançados e ligados à superação de seus problemas mais profundos. "A pior cachorrada é essa eleição indireta", diz um electricista, 36 anos, partidário das diretas "para moralizar o que está aí e coroar a democracia", antes de arrematar: "Mas a saída mesmo é uma revolução. E para acontecer as eleições e depois a revolução é preciso que o povo se mobilize e vá para a rua".

(Domingos de Abreu)



Edinaldo, com o cartaz, espera um comprador para seu rim.

Jovem sem emprego põe o rim à venda pela vida

Um pernambucano desempregado em São Paulo, desesperado, colocou à venda um de seus rins. Edinaldo Gomes de Oliveira fugiu de um trabalho escravo de Mato Grosso; agora diz que troca seu rim por um emprego, e acha o governo o culpado por essa miséria toda, e que "pra melhorar tem de ter eleições diretas".

Edinaldo, 33 anos, solteiro, quando trabalhava de vendedor de remédios em uma farmácia de Recife, jamais imaginaria que um dia teria que colocar à venda um órgão de seu corpo para poder sobreviver. Sentado ao lado de um cartaz escrito em papelão "Troco meu rim por um emprego", em frente ao prédio do "Diário Popular", no centro de São Paulo, ele mostra sua carteira de trabalho e a mão caçada dizendo que quer apenas trabalhar para sobreviver.

Alguns pedestres param para ver aquele deprimido quadro da crise que atinge milhares de famílias. Um velho pergunta-lhe onde mora e Edinaldo responde: "Aqui mesmo (mostrando a calçada) e só quando chove é que me escondo em outro lugar". Filho único, saiu de Recife após a morte de seus pais e veio para São Paulo, onde ficou recolhido no Centro de Triagem dos Migrantes. "Dali fui encaminhado para trabalhar numa fazenda em Mato Grosso, perto de Brasilândia", diz Edinaldo.

Fuga do trabalho escravo na usina

Na Usina Agropecuária São José, cujos donos são franceses — segundo Edinaldo —, ele trabalhou durante quatro meses e não recebeu um salário de salário. "Lá trabalhávamos como escravos, das 4 da manhã até as 18 horas, com meia hora para almoço. Não estava a fim de trabalhar naquela situação e resolvi fugir, porque a fazenda era vigiada por jagunços

armados. Me escondi no canavial à noite e depois peguei carona de caminhão até Três Lagoas. Depois arrumei um passe de trem e vim sem dinheiro até São Paulo".

Na capital paulista procurou serviço por toda a parte, infrutiferamente. Como havia trabalhado em farmácia, Edinaldo sabia que o corpo humano funciona com apenas um rim, "e por isso resolvi trocar o meu rim por um emprego". Ele afirma que está há mais de dez dias se alimentando só de pão e leite, e acredita que não vai agüentar muito tempo desse jeito.

"deviam linchar era o Delfim"

Milhares de outros trabalhadores desempregados enfrentam situações semelhantes. Alguns chegam ao desespero e vão assaltar; outros matam os filhos e suicidam-se. Edinaldo diz: "um dia desses eu vi o povo gritando para linchar um assaltante aqui perto. Eu então falei que eles deviam linchar era o Delfim e o Figueiredo que roubam o país inteiro".

Apesar de todo o seu sofrimento, o desempregado pernambucano está consciente de quem é o responsável por tudo isso: "O culpado dessa miséria é o governo. Pra melhorar tem que tirar os militares". Enquanto os pedestres passam e olham o insólito cartaz, Edinaldo explica que tomou aquela atitude porque não quer roubar, e acrescenta: "Já devia ter saído uma revolução pra acabar com essa pouca-vergonha toda". (Domingos de Abreu)

